



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA

FERNANDA LUIZA OLIVEIRA DOS SANTOS

MÚSICA E MEMÓRIA:
BANDA FILARMÔNICA SANTA CECILIA DA CIDADE DE ÁGUA BRANCA – AL
(1948 – 2018)

Delmiro Gouveia

2018

FERNANDA LUIZA OLIVEIRA DOS SANTOS

MÚSICA E MEMÓRIA:

**BANDA FILARMÔNICA SANTA CECILIA DA CIDADE DE ÁGUA BRANCA – AL
(1948 – 2018)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
requisito para grau acadêmico em Licenciatura
em História, na Universidade Federal de
Alagoas – Campus Sertão.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Taciane
Figueiredo

Delmiro Gouveia

2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

S237m Santos, Fernanda Luiza Oliveira dos

Música e memória : Banda Filarmônica Santa Cecília da Cidade de Água Branca – Al (1948 – 2018) / Fernanda Luiza Oliveira dos Santos. – 2018.

88 f. : il.

Orientação: Profa. Dra. Carla Taciane Figueiredo.
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2018.

1. História – memória. 2. Música. 3. Água Branca – AL. I. Título.

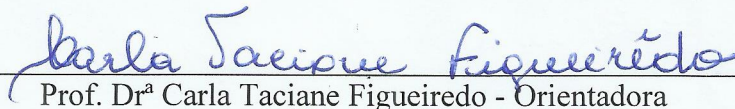
CDU: 93

FERNANDA LUIZA OLIVEIRA DOS SANTOS

**MÚSICA E MEMÓRIA:
BANDA FILARMÔNICA SANTA CECILIA DA CIDADE DE ÁGUA BRANCA – AL
(1948 – 2018)**

Aprovado em 09/ 11 /2018

Banca Examinadora



Prof. Dr^a Carla Taciane Figueiredo - Orientadora
Universidade Federal de Alagoas



Prof. Dr. Marcos Ricardo de Lima – Examinador interno
Universidade Federal de Alagoas

Prof. Me. Ricardo Silva - Examinador externo

Delmiro Gouveia

2018

Dedico este trabalho aos Meus Avôs, Manoel Baptista de Oliveira e Manoel Teodoro Filho, que deixam explicitar o grande carinho e amor à Música.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por me transmitir força, foco e fé que me acompanharam ao longo desse curso.

Expresso meus sinceros agradecimentos a todos que, de uma forma ou de outra contribuíram para realização e conclusão deste trabalho.

Agradeço imensamente a meus pais, Fernando de Sá Oliveira e Lusimar Oliveira, que são a minha base, assim como a toda a minha família.

A meu irmão, Fernando de Sá Oliveira Júnior que mesmo distante, me ajudou no que estive ao seu alcance.

A minha orientadora Carla Taciane pelo incentivo, confiança, disponibilidade, rigor e dedicação depositados., que em meio a sua correria acadêmica, pessoal, me ajudou na realização desse trabalho.

Quero aqui estender os meus agradecimentos aos docentes que passaram na minha trajetória acadêmica, contribuindo para a minha formação. Aos coordenadores, colaboradores dos projetos em que estive inserida nesses anos na universidade: Abí Axé Egbé, ESMART, Flauta Rítmica-Consort, que muito contribuíram na minha vida fora e dentro da academia.

Aos meus colegas e amigos, que não poderia deixar de mencioná-los, pois são fonte de positivities para a realização e conclusão desse trabalho.

O meu muito obrigado a todos que colaboraram com este trabalho, aos entrevistados Manoel Baptista e Manoel Teodoro (meus avôs a quem também dedico este trabalho), Maestro Valério, Evandro Sandes, à Diego Silva por disponibilizar o acervo de partitura de seu avô Maestro Zequinha. A Sra. Odete e Andressa que mesmo distante colaboraram via email, meus sinceros agradecimentos, pois estes foram peças fundamentais para a realização desta pesquisa.

A todos meu muito obrigada!

“A banda é som. Música. Melodia. É o ritmo cadenciado das marchas e dobrados, ou o breque gostoso de sambas e maxixes, ou ainda o embalo dolente das valsas. E que compassa o coração da gente para segui-la pelas ruas, ou nos chama para a praça. E aos sons das harmonias criadas por aqueles instrumentos às vezes um pouco desafinados, manejados por mãos duras e calejadas, somos transportados para um espaço mágico, onde as pessoas sorriem, se integram, aplaudem e se emocionam.” (GRANJA, 1984: 79-80 apud COSTA, 2011, P. 242)

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso nasce a partir das inquietações pessoais advindas a partir da minha inserção na Banda Filarmônica Santa Cecília da cidade de Água Branca – AL. Compreender o caráter heterogêneo da mesma, especificamente a cultura e a questão social tão múltipla em seus componentes desde a criação até o presente momento, torna-se um ofício enquanto historiadora. Durante esta discussão foi possível observar o caráter histórico e a trajetória desta banda, sendo o cerne da questão também o processo de reconhecimento e a associação a cultura local. Refletimos ainda quanto a relevância da preservação deste Patrimônio Cultural e que personifica a lembrança da constituição da cidade de Água Branca. Quanto aos objetivos dessa pesquisa, consistiram em compreender a trajetória histórica da Banda Filarmônica Santa Cecília da cidade de Água Branca-AL, com um recorte temporal de 1948 a 2018. Enfatizou-se na análise a constituição da Banda Filarmônica Santa Cecília. O quadro teórico para subsidiar e cumprir os objetivos fundamentou-se no diálogo com autores como Jacques Le Goff (2003) discutindo as concepções de História, Maurice Halbwachs (1990) abordando a concepção de memória individual e coletiva, além da educação musical, Moreira (2007) ao tratar-se da transmissão desta prática nas bandas de música e Roque de Barros Laraia (2009) que contribui ao conceituar cultura. A metodologia principal foi a observação participante e análise dos documentos como: partituras manuscritas e impressas, fotografias antigas, Lei de Criação da Banda, além das entrevistas semiestruturadas, utilizadas como meio de sustentar os argumentos trazidos referente a Banda Filarmônica Santa Cecília. Com a realização deste a análise comparativa entre as gerações que assim passaram pela Banda, e os componentes atuais foi fundamental para perceber a trajetória histórica da Banda. Assim como esse grupo musical incentiva jovens e adultos a estarem inseridos nesse contexto musical. A realização deste trabalho evidencia como as bandas de música são relevantes não só para a formação profissional desses músicos, mas também uma formação como Ser Humano e como essas são importantes para a permanência da memória local coletiva onde a Banda está inserida.

Palavras Chave: Bandas Filarmônicas. História. Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

This scientific article is born from the personal concerns of the insertion in the Band of the Santa Cecília Philharmonic of the city of Água Branca - AL. Understanding the heterogeneous character of it, specifically culture and the social question so numerous in its components from creation to the present moment, becomes an office as a historian. During this discussion it was possible to observe the historical character and the trajectory of this band, being the heart of the question also the recognition process and the association with local culture. We also reflect on the relevance of the preservation of this Cultural Heritage and that personifies the remembrance of the constitution of the city of Água Branca. The objectives of this research were to understand the historical trajectory of the Santa Cecília Philharmonic Band from the city of Água Branca, AL, with a temporal cut from 1948 to 2018. The composition of the Santa Cecília Philharmonic Band was emphasized. The theoretical framework to support and fulfill the objectives was based on a dialogue with authors such as Jacques Le Goff (1994) discussing conceptions of history, Maurice Halbwachs (1990), focusing on the conception of individual and collective memory, (2007) when dealing with the transmission of this practice in the bands of music and Roque de Barros Laraia (2009) that contributes to the conceptualization of culture. The main methodology was participant observation and analysis of documents such as: handwritten and printed scores, old photographs, Band Creation Law, as well as semistructured interviews, used as a means of sustaining the arguments brought about by the Santa Cecília Philharmonic Band. With the accomplishment of this the comparative analysis between the generations that thus passed by the Band, and the present components was fundamental to realize the historical trajectory of the Band. Just as this musical group encourages young people and adults to be included in this musical context. The accomplishment of this work evidences how the bands of music are relevant not only for the professional formation of these musicians, but also a formation like Human Being and how these are important for the permanence of the local collective memory where the Band is inserted.

Keywords: Philharmonic bands. Story. Cultural heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 "Instrumentos tocados pelas Filarmônicas"	24
Figura 2 Banda Filarmônica Santa Cecília, meados dos anos 1955-56. Sob a Regência do Maestro José Marques Correia	33
Figura 3 Banda Filarmônica Santa Cecília, meados dos anos 1960-70.....	35
Figura 4 Cópia Marcha Religiosa, 1951.....	37
Figura 5 Cópia do Dobrado Saudade de Minha Terra, 1948.....	38
Figura 6 Cópia Marcha-Rancho,1969.	39
Figura 7 Cópia Frevo, cedida pelo Maestro de Mata Grande em, 1981.....	40
Figura 8 Banda Filarmônica Santa Cecília, Maestro Walmir Fonseca, Festa da Padroeira de Água Branca - AL, 1994.....	44
Figura 9 Cópia Música Popular - Tributo à Raul Seixas - Maestro Walmir Fonseca, 2007...46	
Figura 10 Homenagem do Dia Internacional da Mulher, Olho D'Água das Flores- AL.....	49
Figura 11 Cópia da partitura da música Zé Ramalho, setembro 2012	52
Figura 12 Banda Santa Cecília com Professores do Curso realizado pelo SESC, 2016.	53
Figura 13 Banda Filarmônica Santa Cecília- Água Branca - AL, 24 de Abril 2018.....	54

SUMÁRIO

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO II: PRODUZINDO E “COSTURANDO” CONCEITOS QUANTO A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
CAPÍTULO III: DESCORTINANDO E CONSTATANDO PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
CAPÍTULO IV: BANDAS DE MÚSICA E DENOMINAÇÕES RELEVANTES A CONSIDERAR.....	22
CAPÍTULO V: A PROPAGAÇÃO E O ESTABELECIMENTO DAS BANDAS DE MÚSICA NO CONTEXTO NACIONAL	26
5.1 As Bandas de Música em Alagoas	30
CAPÍTULO VI: A BANDA SANTA CECÍLIA COMO AGENTE PROPULSOR DA PESQUISA: REFERÊNCIAS E CONTEXTO ATUAL.....	32
6.1 Informações Recentes da Banda Filarmônica Santa Cecília	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES	60
ANEXOS	81

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

No Brasil há um número significativo de bandas filarmônicas espalhadas em todas as regiões, desde as grandes metrópoles até as regiões interioranas, constituem referências históricas significativas em cada região. As Bandas, como participantes da diversidade cultural e regional, exercem um papel artístico social importante em milhares de municípios do nosso país¹

Este trabalho baseia-se no estudo histórico sobre A Banda Filarmônica Santa Cecília da cidade de Água Branca – AL. A motivação pessoal dessa pesquisa se fundamenta na trajetória histórica do grupo cultural o qual faço parte, me interessei desde muito nova pela Banda de música de Água Branca ao ver suas apresentações nas festividades da cidade, como também com a convivência e conversas com meus avós, Manoel Teodoro e Manoel Baptista, os quais comentavam sobre as vivências nos seus respectivos anos em que foram integrantes da Banda Santa Cecília. Nesse sentido, iniciei o estudo das partituras até quando ingressei a Banda no ano de 2006 esses dentre outros motivos me levaram a estudar sobre a Banda Filarmônica Santa Cecília de Água Branca - AL, naquele período sob a batuta do saudoso maestro Walmir Fonseca².

Visto que a referente banda da cidade de Água Branca tem um valor histórico-cultural para esta localidade, em toda a região que a mesma se apresenta, foi importante o subsídio e diálogo com autores como Tinhorão (2005) ao argumentar que “Reconhece a importância das bandas de música na vida de uma sociedade”, penso: como a banda vem se mantendo no decorrer dos anos? Quais as suas permanências? O que mudou desde 1950? Qual a relevância de preservar esse Patrimônio Cultural e símbolo de memória para uma cidade do alto Sertão Alagoano?.

Contudo as questões de problematização me instigam na compreensão do processo inicial e desenvolvimento da Banda Filarmônica na cidade de Água Branca - AL, para a realização desse estudo e contribuir enquanto historiadora com o preenchimento das lacunas no

¹ MOREIRA. Marcos dos Santos. **Aspectos Históricos, Sociais e Pedagógicos nas Filarmônicas do Divino e Nossa Senhora da Conceição, do Estado de Sergipe**. 2007. (Dissertação de Mestrado)

² Walmir Fonseca, natural de Jardim do Seridó, Rio Grande do Norte, nasceu em 06 de maio de 1960, faleceu em 11 de novembro de 2011. Permaneceu como Professor e Maestro na Banda Santa Cecília em Água Branca de 1991 a 2011, como também na Banda em Delmiro Gouveia- AL, de 15 de janeiro de 2001 a 30 de outubro de 2004. Como professor de música, deu aulas na cidade de Mata Grande e povoado Boqueirão no município de Água Branca. Por diversas vezes fora convidado a participar da banda Filarmônica também da cidade de Piranhas-AL.

conhecimento científico sobre a História local e da Cidade tão representativa no alto sertão de Alagoas.

Assim, os objetivos desse estudo se fundamentam em compreender a trajetória histórica da Banda Filarmônica Santa Cecília da cidade de Água Branca - AL. (1948-2018). Especificamente objetivou-se analisar como se constituiu a Banda Filarmônica Santa Cecília; evidenciar o lugar social e cultural da referente banda; descrever a partir da história da Banda a relação com a memória identitária da cidade. Para responder esses objetivos as questões norteadoras se estruturam em questionamentos: a partir da documentação encontrada e dos relatos coletados, sempre tendo como questionamento prioritário: Como foi a trajetória histórica da Banda Filarmônica Santa Cecília da cidade de Água Branca - AL?.

A partir desse questionamento norteador para execução deste trabalho, dividimos este trabalho em seis capítulos, onde o primeiro dedica-se a parte introdutória deste trabalho, mostrando a que este trabalho se propõe estudar. O segundo capítulo foi destinado à fundamentação teórica pois é extremamente relevante a colaboração de teóricos para subsidiar esta pesquisa. Utilizo enquanto suporte teórico desta pesquisa, Renan Pimenta de Holanda Filho (2010), em sua Obra “O papel das Bandas de Música no Contexto Social, Educacional e Artístico”, contribuindo ao que diz respeito ao histórico do que foram e ainda são atualmente as bandas, suas composições, musicalidade, e a importante função desta na sociedade.

No terceiro capítulo trata-se de corpo metodológico dessa pesquisa que se fundamenta na observação participante e na produção de dados através dos documentos como: partituras manuscritas e impressas, fotografias antigas, Lei de Criação da Banda, destacando também as entrevistas, que na História Oral trata-se do suporte material derivado da linguagem verbal³ com uma alternativa para corroborar no que diz respeito à Banda Filarmônica Santa Cecília. Já que as produções de entrevistas podem ser usadas não somente para preencher vazios de documentos convencionais, como também pode complementar outros documentos.⁴

O quarto capítulo deste trabalho discute os principais conceitos de Bandas de Música, mostrando um pouco a diferenciação conceitual. Explicitando como são formadas a Banda Filarmônica conceito central da banda aqui estudada, como também nesse momento se enfatiza a questão da dificuldade de padronização das bandas por falta de recursos para investimentos das mesmas.

³ Meihy, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar** / José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. – 2. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2011. p. 14

⁴ *Ibidem* P. 24

No quinto capítulo trata-se da proliferação das Bandas de Música no Brasil, que destaca o evento da Chegada da Família Real Portuguesa em 1808, indica uma intensificação das Bandas de música no país, nesta ocasião as bandas de música foram se caracterizando e através da influência europeia na instrumentação, repertório, dentre outros aspectos. Nesse momento é mencionado sobre as bandas de músicas em Alagoas, conforme Lucena (2016) o ápice das Bandas de Música alagoanas é marcado pela instalação da indústria têxtil entre 1876 à 1915, período esse considerado a “belle époque” das bandas em Alagoas.

O sexto e último capítulo é dedicado a Banda Filarmônica Santa Cecília, com a contribuição das entrevistas, documentos como: cópia da Lei de Criação da Banda, as partituras manuscritas, fotos disponibilizadas pelos músicos, pudemos reunir informações mais detalhadas acerca da banda a partir dos anos 1948, pois notamos uma carência documental e de relatos a respeito dos anos de 1922 que corresponde à criação da banda, data essa registrada em Lei 499/05.(cópia da lei anexo p. 76), neste sentido o trabalho tem um recorte temporal a partir de 1948 à 2018 pois os documentos e relatos mencionados são especificamente desse período.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi crucial o relato dos músicos que um dia já fizeram parte, como também ainda permanecem. As recordações são relevantes para assim construir uma memória coletiva.

É notório que a Banda Santa Cecília ainda mantém suas raízes das bandas militares, principais influências das bandas de músicas. Porém ao longo dos anos a Banda Santa Cecília sofreu influência das tendências musicais, como da escolha de seus maestros, isso resultou num repertório mais eclético que atendesse ao seu público e aos seus eventos.

Recentemente, precisamente em 2016 e 2017 a Banda Santa Cecília teve a oportunidade de uma formação com o SESC- AL e da Federação de Bandas de Música e Fanfarra de Alagoas, proporcionando para banda uma experiência inovadora e contribuindo de forma significativa no empenho individual dos músicos como também no coletivo.

A Banda Filarmônica Santa Cecília atualmente conta com 33 componentes que variam uma faixa etária de 13 aos 40 anos de idade aproximadamente, seus ensaios são realizados semanalmente na sede que está localizada no Centro da cidade de Água Branca. A respectiva banda musical pertencente atualmente a prefeitura, realiza suas principais apresentações em festividades cívicas, culturais, religiosas da cidade, assim como também municípios próximos que a convidam.

A realização deste trabalho é de suma importância para uma preservação das informações adquiridas, principalmente considerando que existem ex integrantes da banda que podem ser considerados “patrimônios vivos” que compartilham suas lembranças fazendo um

diálogo entre a memória individual e a memória coletiva. As Bandas de música estão cada vez extintas no país, assim necessita-se a realização de trabalhos a respeito já que esta protagoniza a cena cultural da cidade de Água Branca- AL

CAPÍTULO II: PRODUZINDO E “COSTURANDO” CONCEITOS QUANTO A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

Este trabalho fundamenta-se através de teóricos que contribuíram de forma relevante acerca das Bandas de Música. Delmar Domingos de Carvalho (2009) em seu ensaio sobre a História das Bandas Filarmônicas discute sua origem e como essas bandas se oficializaram a partir da Revolução Francesa, mas contando que a música já tenha aparecido em tempos antecessores. Posteriormente criam-se as Bandas militares que inspiraram as Filarmônicas e que se consolidaram no século XIX. A partir das afirmações apresentadas acima a problemática inicial que permeia este trabalho reside em “O que se sabe sobre a origem da Banda Filarmônica na cidade de Água Branca? Como se instalou esse movimento cultural em 1922 e que dura até os dias atuais?”

Tendo em vista que a Banda Filarmônica Minerva Cachoeirana da cidade de Cachoeira na Bahia, a participação dos membros a maioria das vezes se dava ou dá-se de forma hereditária, ou seja, muitos músicos tinham ou têm membros que tocavam ou toca na instituição musical⁵, pergunto-me quais as características da Banda Filarmônica Santa Cecília ao longo dos seus anos? Como se deu a composição de novos membros?

Tratando-se de recordar a memória daqueles que já participaram ou participam da Banda Santa Cecília utilizamos autores que tratem do tema memória, tendo como objetivo estudar o processo histórico da Banda Filarmônica Santa Cecília-AL e a partir disso a relação com a memória identitária da cidade, o que nos leva à leitura inicial de Jacques Le Goff em “História e Memória, (2003)”;

Maurice Halbwachs “Memória coletiva, (1990)”.

As Bandas Filarmônicas influenciadas pelas Bandas Militares ganharam cada vez mais espaço e visibilidade por todo território brasileiro, diante disso as Bandas deixaram meramente de abrilhantar festas, procissões ou desfiles cívicos, passando a exercer um papel de ensino musical como também a representação de uma cultura.

Tratando-se das bandas de música enquanto grupo cultural da cidade, é importante entendermos o termo cultura. Mesmo compreendendo sua complexidade e as discussões sobre o respectivo conceito, dessa forma, este estudo se fundamenta na perspectiva do antropólogo Roque de Barros Laraia (2009) que expõe o conceito de cultura definido por Tylor em 1871 informa: “cultura como sendo todo comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como nos dias de hoje” (LARAIA, 2009, p. 28). Dessa forma,

⁵ CAZAES, Melira Elen Mascarenhas. Minerva Cachoeirana: um Estudo Histórico sobre a Filarmônica da cidade de Cachoeira (1964-1969). p. 8

podemos afirmar que a Banda de música é um monumento cultural quando se reflete o processo de ensino- aprendizagem desse ofício e complementa com afirmação desse aparelho cultural presente nas festividades das cidades perpetuando várias gerações.

Moreira (2007) destaca que a Educação Musical no Brasil e das Bandas de Músicas, são documentos históricos a respeito da educação musical originaram-se dos ensinamentos dos Jesuítas no passado colonial no processo de catequização dos índios no período colonial.

Ao longo dos séculos com os trabalhos pedagógicos de modelo europeu foram formando as bandas de música com o grupo de alunos, nessas bandas permaneceram aspectos das suas origens como: os métodos, procedimentos pedagógicos. Valendo ressaltar que:

As metodologias e pesquisas atuais em educação musical são desconhecidas por boa parte dos mestres de banda que continuam a praticar uma tradição, “uma produção simbólica que, como a linguagem para uma dada comunidade, é transmitida de boca a boca, de geração a geração” (AROM, 1994: 12 apud MOREIRA, 2007, p. 14).

Assim, Moreira (2007), salienta que a metodologia e a forma de ensinar de muito dos Mestres das Bandas ocorre por uma transmissão passada de geração em geração, muitas vezes ensinadas pelo pai ou por outros mestres que o antecederam. Essa educação musical transmitida oralmente é muito presente nas bandas interioranas, que por muitas vezes localizam-se longe dos grandes polos da música e assim acabam recorrendo a um processo de ensino via tradição oral, os mais velhos ensinam as gerações de músicos posteriores.

As sociedades Filarmônicas no Brasil foram se estruturando ao longo do séc. XIX e início do séc. XX, chegando ao Brasil através dos portugueses, nos primeiros séculos de colonização portuguesa. A música vinculada esteve nesse início vinculada a catequese e a Igreja, essas primeiras bandas a direção de irmandades religiosas. Diante dessa perspectiva, interligando com o objeto aqui estudado, constatou-se registros apontando que a Banda Filarmônica Santa Cecília foi fundada em 22 de novembro de 1922, pelo Maestro Hemiliano Vieira Sandes.⁶

Nessas circunstâncias foi o livro do Sociólogo Maurice Halbwachs (1990) “A memória Coletiva”, uma publicação póstuma em 1950. Para Halbwachs a memória sempre está envolvida num contexto social, de coletividade, pois ninguém pode lembrar-se de algo fora do âmbito social, sendo estas apanhadas de recordações que será feita recorrendo aos outros, seja ela na família, amigos e etc. Através dessa ideia central Halbwachs (1990) remete-se a

⁶ Feitosa, Edvaldo de Araújo. **Água Branca: história e memória** / Edvaldo de Araújo Feitosa. - Maceió : EDUFAL, 2014. P.59

importância para melhor compreender a memória de um grupo que está entrelaçada num contexto coletivo, quando englobado na identidade cultural de uma cidade, como também de uma memória particular de músicos que já foram participantes de tal grupo musical.

Na perspectiva de memória coletiva nos deparamos com o Historiador Francês Jacques Le Goff, em sua obra “História e Memória” (2003) em que o autor trata de conceitos sobre o ofício do historiador. Discute as concepções de História e o estudo da memória. Neste ensaio Le Goff traz conceito crucial e todo estudo histórico da memória histórica ao longo das sociedades. Dessa forma, o historiador remete-se não apenas a memória como algo individual, mas sim coletiva, pois esta, é composta por lembranças vivenciadas ou repassadas por pessoas e assim são entendidas com uma propriedade grupal.

A memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja a memória social é, sobretudo, oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender essa luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória [...] A memória na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro... (LE GOFF, 2003, p. 470 – 471)

A importância da memória coletiva é crucial para a sociedade, nela podemos compreender situações não descritas nos documentos, através do olhar daqueles que realmente foram protagonistas da história. Assim como bem mostra Le Goff (2003) ao dizer que a memória coletiva é um “objeto de poder”, e ela que faz com que o passado seja lembrado no presente e no futuro.

Assim a contribuição das referências citadas permite entender que a memória atua sobre o que já foi vivido, não é apenas individual e para o historiador o que mais o desperta é a memória coletiva, já que esta é composta por lembranças vivida pelos indivíduos ou que lhe foram repassadas, essas memórias não pertencem apenas a um indivíduo, mas sim a uma comunidade, um grupo e etc. Além de conhecer a história é relevante vitalizar a lembrança deste grupo instrumental sendo que a memória é o passado se encontrando no presente, pois as recordações sempre estarão vivas ao se deparar com ele.

Recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob a forma uma forma material e sensível, não são necessárias. Elas não seriam, todavia, suficientes. Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo. (HALBWACHS, 1990, p. 27).

Nesta perspectiva que as lembranças de uma ou mais pessoas se reunindo para descrever acontecimentos juntamente com documentos, reescreve a História. Nesse estudo, a memória e as narrativas dos integrantes das bandas são fontes complementares na reconstrução da trajetória da Banda, registrando cientificamente a memória de um grupo, mas que não se limita ao próprio, atingindo outras pessoas que corroboram para a construção dessa memória coletiva.

A leitura de Halbwachs (1990) nos mostra que não é absolutamente individual e que a memória coletiva envolve lembranças individuais que vão evoluindo de maneira categórica e a fim de esclarecer que a memória não é absolutamente individual, a recordação é construída socialmente e de forma gradativa, já que se tratou de um processo acumulativo. Essa concepção de memória nos conduz na análise das memórias acerca da “A Banda Filarmônica Santa Cecília” não só de vitalidade para a minha inquietação pessoal, mas para toda uma comunidade que a tem como patrimônio histórico e cultural.

A colaboração dos teóricos aqui citados foi de mera importância para assim fundamentar e nortear essa pesquisa acadêmica. Este momento foi destinado a conhecer no sentido amplo o que se pretende com esse trabalho, trazer algumas informações a respeito das bandas de música, sua educação musical, principalmente tratar das memórias e sua importância para “crescer a história” dessas instituições musicais.

CAPÍTULO III: DESCORTINANDO E CONSTATANDO PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

A Banda Santa Cecília, aparelho Cultural da cidade de Água Branca, desperta interesse por onde passa e pessoalmente não foi diferente. Crescer vendo a Banda nas festividades cívicas, religiosas e culturais, despertou interesse particular e que me fez adentrar nessa investigação, principalmente após minha inserção no curso de Licenciatura em História. A quase dez anos fazendo parte da Banda sempre me perguntei como esta chegou a nossa cidade, em conversas informais com meus avós que também fizeram parte da mesma, continuei com essas indagações sobre quem seriam seus antecessores, os antigos regentes, que muito contribuíram para a história da Banda Cecília.

Com esse ponto de vista que resolvi trazer esses questionamentos para a academia e transforma-los em uma pesquisa já que como define Del-Masso, Cotta e Santos:

Uma pesquisa origina-se de um problema, de uma indagação, de uma dúvida. Podemos dizer que a pesquisa, e aqui iremos denominar pesquisa científica, constitui-se de um processo de questionamento e de busca de respostas para diferentes temáticas.” (DEL-MASSO, COTTA E SANTOS, 2014 p. 1).

Ainda que se tratando da escolha do tema, este pode estar ligadas à fatores como: “*interesse* do pesquisador, a *relevância* atribuída pelo próprio autor ao tema cogitado, a *viabilidade* da investigação, a *originalidade* envolvida.” (BARROS,2011, p.25).

Essas questões apresentadas por Barros (2011) são fundamentais para a realização da pesquisa, o autor salienta a importância de se escolher um tema que seja do real *interesse* do pesquisador, pois além de não ser agradável trabalhar com algo que não gostamos, esta pesquisa nessa circunstância pode não atrair olhares de futuros pesquisadores e que será somente lembrada pelo seu próprio autor como uma tarefa penosa para conseguir a promoção acadêmica ou salarial.⁷ Por isso se é necessário investir num tema de interesse, para assim partir para uma reflexão sobre a *relevância* do tema escolhido. Nesse aspecto Barros (2011) diz que o tema deve ser relevante não só para o pesquisador, mas também para os homens de seu tempo⁸, pois serão os leitores do trabalho realizado, procurando assim questionar sobre o interesse da tal

⁷ BARROS, José D'Assunção. **O projeto de Pesquisa em História ; da escolha do tema ao quadro teórico** / José D'Assunção Barros. 7 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.34

⁸ *Ibidem*. P.26

pesquisa para a sociedade, ressalta ainda que o pesquisador deve se esforçar por encontrar um tema que o deixe simultaneamente em paz consigo mesmo e em paz com o mundo que o cerca⁹.

A *viabilidade* da pesquisa é um aspecto de mera importância para o desenvolvimento de uma pesquisa, pois além do *interesse* e da *relevância*, precisa-se verificar se o tema em questão é viável, como por exemplo, a questão documental, se existe documentos adequados para efetivar o tema? estes estão disponíveis? Esses entre outros questionamentos devem ser vistos para ver a viabilidade da investigação do trabalho científico.

Este trabalho tende a estudar a trajetória da Banda e tendo a pesquisadora também como participante do objeto de estudo, permite utilizar como metodologia, a pesquisa participante pois esta é uma modalidade em que “o pesquisador é sujeito da própria ação e intervenção.” (DEL-MASSO, COTTA E SANTOS, 2014, p. 8).

Pensando na trajetória da Banda Filarmônica Santa Cecília que tem 95 anos de existência, com uma datação para sua criação no ano de 1922, sendo esta informação registrada mas não apresenta alguma fonte destes anos iniciais; diante desse fator esta pesquisa se fundamenta de acordo com uma perspectiva que se dá através de um recorte temático serial ou como a maioria dos casos um “recorte na fonte” que é estabelecido através “de uma determinada série de fontes ou materiais que é constituído precisamente pelo historiador” (BARROS, 2011, p. 47), essa função possibilita produzir uma pesquisa histórica através da série de documentos na qual estão disponíveis sobre a Banda.

Buscando alcançar os objetivos propostos, é utilizado inicialmente os procedimentos metodológicos de pesquisa documental, este tipo de pesquisa proporciona uma leitura não só de documentos como também fotos, gravações, no caso específico da Banda, partituras, estas podem ser utilizadas como documentos importantes para esta pesquisa. Já nos mostra Severino, 2007:

Fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas, sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise. (SEVERINO, 2007, p.122).

É de grande relevância e contribuição a análise documental, já que esta pode ser utilizada como fonte na investigação qualitativa. Vejamos abaixo segundo Flores (*apud* CALADO; FERREIRA, 2004, p.3), considera que:

⁹ *Ibidem*. P. 35

Os documentos são fontes de dados brutos para o investigador e a sua análise implica um conjunto de transformações, operações e verificações realizadas a partir dos mesmos com a finalidade de se lhes ser atribuído um significado relevante em relação a um problema de investigação. (CALADO, FERREIRA, 2004, p. 3)

Diante disto as análises em documentos foram pensadas a partir da ideia que a Banda faz parte de um patrimônio histórico-cultural da cidade de Água Branca e precisará da averiguação em documentos históricos, em arquivos públicos como partituras manuscritas, fotografias, Documento da Lei de Criação da Banda.

Para melhor contribuição a investigação e soma a pesquisa documental, as entrevistas foram utilizadas pois como se trata de uma conversa efetuada frente a frente que possibilita ao pesquisador obter as informações necessárias para a realização do trabalho científico.

Nesta perspectiva as entrevistas como um “encontro entre duas pessoas, a afim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto” (MARCONI e LAKATOS, 1999, p.94), assim foi pensada para coletar informações relevantes sobre a trajetória da respectiva Banda de Música de Água Branca, já que nos deparamos com uma ausência documental.

A Banda está presente nas principais festividades da cidade de Água Branca e de forma memorável dos munícipes, familiares de integrantes falecidos dentre outros motivos. Ao se pensar em entrevistas como procedimento metodológico, para assim obter as informações desses atores sociais, essas entrevistas foram realizadas com os sujeitos da pesquisa, neste caso específico os sujeitos relacionados à Banda Filarmônica Santa Cecília como: o Maestro atual, antigos músicos, familiares (esposa, filhos...) de integrantes que passaram pela banda.

O procedimento metodológico de entrevistas teve como objetivo a “obtenção de informações do entrevistado, sobre um determinado assunto ou problema.” (MARCONI & LAKATOS, 2011, p. 81). Na realização deste trabalho o tipo de entrevista utilizada denominase de despadronizada ou não estruturada, no qual “o entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada”, contando com uma modalidade de entrevista focalizada pois neste seguimento tem-se um roteiro relacionado ao tema aqui específico, a fim de que: “o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal.” (MARCONI & LAKATOS, 2011, p. 82).

Neste sentido, as entrevistas realizadas através de conversas informais desde a infância foram pensadas como uma das formas metodológicas para realização desse trabalho pois esta

pode ser utilizada em qualquer segmento da população, sendo os entrevistados analfabetos ou não, permitindo também uma flexibilidade em relação as perguntas proporcionando assim um maior esclarecimento ou até mesmo a reformulação da pergunta de uma maneira diferente. Se tratando da entrevista como ferramenta metodológica pode proporcionar a obtenção de informações que não estão presentes nas fontes documentais, podendo também ter uma maior flexibilidade entre o entrevistado e o entrevistador, permitindo que ao se utilizar a entrevista não-estruturada possa se repetir perguntas para que haja uma melhor compreensão e chegue assim a uma resposta mais precisa.

As entrevistas foram realizadas com atuais e ex-integrantes da Banda Filarmônica Santa Cecília, que fizeram participação em diferentes momentos da Banda. Representando a velha guarda da Banda deram suas contribuições musicais em meados dos anos 50, também contei com a contribuição de integrantes que tocaram na banda nos 80, 90 e por fim que ainda faz parte da banda nos dias atuais.

A entrevista proporcionou que o entrevistado descrevesse de forma viva os relatos de vivências, lembranças sobre a Banda Santa Cecília, sendo assim esse subsídio da História Oral enquanto metodologia foi de extrema relevância pois possibilitou a coleta de informações que não estavam presentes nos documentos. Principalmente neste caso onde não se há muito registros, e a oralidade se torna um suporte material para a realização deste trabalho científico.

A realização desta pesquisa empírica, tendo como fonte de dados documentos oficiais e complementados pela técnica da história oral configura-se relevante não somente por conta de interesse particular, mas em virtude da relevância social para a população aguabranquense. Tendo em vista que a Banda Filarmônica Santa Cecília, pode ser considerado um patrimônio cultural e imaterial da cidade de Água Branca.

Concluído assim essa etapa parte-se para a análise e interpretação dos dados coletados nas entrevistas, essa análise de conteúdo foi importante para obtenção e compreensão crítica no sentido das falas dos sujeitos.

CAPÍTULO IV: BANDAS DE MÚSICA E DENOMINAÇÕES RELEVANTES

Conceituar as Bandas de Música é de extrema relevância nesse trabalho já que existe uma diversidade de grupos que estão denominados dessa forma. Assim Lélío Eduardo em seu trabalho nos mostra o significado do termo banda retirado do Dicionário Grove de música de Stanley Sadre, ao afirmar que:

Banda – Conjunto instrumental. Em sua forma mais livre, “banda” é usada para qualquer conjunto maior do que um grupo de câmara. A palavra pode ter origem no latim medieval *bandum* (“estandarte”), a bandeira sob a qual marchavam os soldados. Essa origem parece se refletir em seu uso para um grupo de músicos militares tocando metais, madeira e percussão, que vão de alguns pífaros e tambores até uma banda militar de grande escala. (SADU,1994 p.74 apud SILVA, 2009. P.155)

Este ainda acrescenta referenciando grupos de instrumentos quando relacionados às Bandas por exemplos: “Bandas de metais”, “Bandas de trompas”, “Bandas de sopro”. Relevante também classificá-las em grupos pois apresentam algumas diferenças nas quais instituições pertencem, estes grupos se dividem em: Bandas de Militares, as Bandas que pertençam à alguma instituição e por fim as Bandas Sociedades Musicais.

As Bandas Militares têm como órgão institucional as instituições militares que tinha papel de comunicar no campo de batalha, mas também elemento psicológico, para animar as tropas. As Bandas de estilo militar ao longo da história vão se firmando através da função de convocar o povo para a guerra, para transmitir ordens e notícias.

As bandas pertencentes às instituições se tratavam de conjuntos musicais de escolas, fábricas, igreja, entre outras; neste contexto os componentes recebiam alguma remuneração podendo estes serem profissionais ou até amadores. Outro grupo de banda definido por Botelho, são aquelas Bandas Sociedades Musicais que tem como característica a manutenção por uma instituição, e tem como foco principal as atividades relacionadas tanto direta como indiretamente para a manutenção da Banda.

Para além dessas classificações acima citada por Botelho, pode ainda ser citada as que se classificam como Bandas Filarmônicas – classificação para a banda norteadora deste trabalho acadêmico. Ainda contando com a contribuição do Lélío Eduardo em seu trabalho sobre “As Bandas de Música e seus Mestres” que se baseia nos Estudos de Cajazeira¹⁰ (2007) ao definir as Bandas Filarmônicas, como:

¹⁰ Cajazeira, Regina. **A Importância das Bandas de Música na Formação do Músico Brasileiro**. Educação Musical no Brasil. Organizadoras: Alda Oliveira e Regina Cajazeira, Salvador, P&A, 2007, p. 24-28.

Sociedades civis que surgiram no Brasil durante o século XIX e tem como intuito manter uma banda de música: “Sociedade Musical”, “Clube Recreativo”, “Grêmio”, “Clube Musical”, “Euterpe”, “Corporação Operária” e “Conspiradora”, são exemplos dos mais utilizados. (SILVA, 2009. p.156).

Outro fator relevante para muitas bandas se intitularem como Filarmônica se dá por que muitas vezes são registradas como associações filantrópicas, este motivo se dá “por não estabelecerem vínculo empregatício com os músicos, nem gerarem ou receberem renda, seja das prefeituras ou do Estado”. (COSTA, 2011, p. 244).

Essas intitulações que são dadas as Bandas de Música variam, e ainda contam com uma dificuldade em padroniza-las pois há um alto custo dos instrumentos acarretando em situações em que os maestros se adaptem aos instrumentos X músicos para a execução dos seus repertórios.

Se tratando em instrumentalização, locais de apresentação podemos contar ainda com uma classificação de Bandas no Brasil, pois cada uma delas tem uma familiarização de instrumentos que podem ou não se locomover dando assim um estilo para a banda. Elas se classificam em: Banda Sinfônica ou de Concerto, Banda de Música e por fim Banda Marcial. Vejamos:

1. Banda Sinfônica ou de Concerto: grupo formado majoritariamente por instrumentos de sopro e percussão, possuindo os instrumentos típicos da orquestra sinfônica, como: oboé, fagote, tímpano, golckspel, celesta, tubofone, etc., podendo ser acrescido, ainda, dos contrabaixos acústicos e violoncelos. Podem executar quaisquer tipos de repertório, substituindo, nas obras eruditas, violinos e violas por clarinetas e saxofones. Seu emprego se dá sem deslocamento, devido à utilização de instrumentos oriundos da orquestra que não oferecem mobilidade para tal, como é o caso dos grandes instrumentos de percussão e das cordas.
2. Banda de Música: grupo formado majoritariamente por instrumentos de sopro e percussão, podendo ter alguns instrumentos de sopro de pequeno porte utilizados nas orquestras, como é o caso do oboé e do fagote. Podem executar um repertório bastante variado, com exceção de grandes peças escritas para orquestras sinfônicas. Seu emprego ocorrer (sic) em deslocamento ou parado, porém não enfatiza as evoluções.
3. Banda Marcial: grupo formado majoritariamente por instrumentos de sopro da família dos metais e percussão. Por não ter a família das palhetas, a execução de grandes peças fica restrita. Seu emprego é próprio para o deslocamento e evoluções. (NASCIMENTO 2007, p.39 apud SILVA, 2009, 157).

Através das concepções de Bandas apresentadas no trecho acima percebemos o quão importante é salientar esse fato para assim entender a qual estilo de Banda estamos aqui nos referindo. As três classificações apresentadas nos mostram os tipos de instrumentos que a

compõem, como também em que eventos essas estão presentes. Tratando da Banda Filarmônica Santa Cecília, se encaixa como banda de música pois tem instrumentos de pequeno porte - ilustrado na figura 1 - e executam um repertório variado e suas apresentações podem ocorrer tanto com deslocamento quanto parado. A Designação de Bandas Filarmônicas é comum em várias línguas, sempre tratando das filarmônicas como “sociedades de amadores de música” (CARVALHO, 2009, p. 8)

Carvalho (2009), ressalta que as Filarmônicas são Sociedades Musicais que mais caracterizam-se com civis, já as Bandas tendem a terem características típicas da expressão militar. O autor ainda complementa ao tratar sobre a evolução das Filarmônicas em muitos países, fazendo com que cada vez mais sejam “dinamizadores culturais com funções socioeconômicas de valor que urge saber aproveitar e incentivos”.

Figura 1 "Instrumentos tocados pelas Filarmônicas"



Fonte: Carvalho, A História das Bandas Filarmônicas. Meloteca, 2009, p. 10

Como apresentado as classificações dos tipos de Bandas, destacamos na figura 1 os principais instrumentos presentes na formação das Bandas de música, estes que são de pequeno porte para assim facilitar em apresentações que precisem se deslocar. Dentre eles estão o clarinete, sax-alto, sax-tenor, trompete, bombardino, bombardão, bombo, surdo, tarol e pratos.

Vemos assim que classificar ou padronizar as Bandas de música apresenta algumas dificuldades, seja elas por questões estruturais como falta de investimentos, manutenção das bandas ou até o fato dos próprios alunos mostrarem uma resistência na escolha do instrumento, isso leva a banda não terem uma boa quantidade de instrumentos para atender a necessidade da banda.

O porte da banda e o contexto em que ela está inserida conta muito na sua classificação pois a instrumentalização vai definir qual tipo de banda ela vai estar sendo classificada. Neste capítulo apresentamos a classificação dos principais tipos de Bandas, a sinfônica, a banda de música e a Marcial, assim percebemos a diferença entre elas em relação a sua instrumentalização e local de apresentação, porém neste momento Costa (2011) evidencia que as bandas de música como filarmônicas por estarem muitas vezes como comunidade filantrópicas, não estando ligadas de forma de vínculo empregatício dos músicos, as bandas ainda contam com uma dificuldade de padronização por falta de investimento, fazendo com que não se tenha uma variedade de instrumentos, resultando muitas vezes com que a banda se limite um repertório.

Assim as Banda de música são mais comuns por apresentarem uma instrumentalização de pequeno porte, mas que executam um repertório variado e estão presentes nas mais diversas ocasiões. Como foi tratado das denominações de bandas: sinfônica, de música e marcial, e esclarecendo que a banda aqui estudada se trata de banda de música, trataremos logo em seguida de como as bandas foram se propagando e de que forma isso foi acontecendo no território brasileiro.

CAPÍTULO V: A PROPAGAÇÃO E O ESTABELECIMENTO DAS BANDAS DE MÚSICA NO CONTEXTO NACIONAL

As bandas de músicas se popularizaram em países europeus, ganhando força durante o século XIX, principalmente com as bandas de regimento militar, neste momento apresenta-se uma exaltação do nacionalismo com a presença das Guardas Nacionais, Tropas de Cavalaria isso resultou na necessidade da criação de hinos, marchas. As bandas Militares também influenciaram as sociedades musicais civis ligadas à igreja, estas aderiram a forma de se vestir, de marchar das bandas militares. Essa ligação com a Igreja deu uma nova característica, fazendo com que elas não estivessem inseridas somente em atividades cívicas, mas também começam a se fazer presente nos cultos ao divino passando a se tornar um elemento relevante na cultura de algumas populações.

Além do Contexto europeu, principalmente na Inglaterra, França e Itália, as Bandas de Música também estiveram presente no contexto cultural de Portugal que acarretou na presença das bandas na vinda da família Real para o Brasil em 1808, o aspecto de Portugal como conquistador de terras e o estabelecimento de um exército nacional, “as bandas militares se concretizaram e contribuíram diretamente para o surgimento das bandas civis de caráter moderno no país”. (COSTA, 2011, p.243).

Manuela Areias Costa (2011) acrescenta que os componentes das bandas no passado eram escravos ou alforriados, mais tarde aparece na composição das bandas os lavradores, operários de fábricas, barbeiros como também militares reformados, ela ainda acrescenta que:

Alguns autores como Fernando Binder, salientam que, muitas vezes, esses conjuntos do período colonial são erroneamente classificados como bandas, pois, além de instrumentistas de sopro e percussão, contavam também com cantores e instrumentistas de corda (BINDER, 2006: 43 apud COSTA,2011, p. 244)

Interessante evidenciar que as bandas de música que antecederam o período colonial em meados de 1700 eram conhecidas como “bandas de música de fazenda”, “música de barbeiros” que se chamavam “música de porta de igreja” isso por que a igreja católica era responsável pelo ensinamento musical dos africanos.

A Igreja Católica foi o principal agente de estímulo à produção musical dos negros, tanto na organização de festas religiosas, quanto nas reuniões de lazer, pois muitos dias santos eram comemorados em todas as fazendas da colônia portuguesa. (TINHORÃO, 1972, p.71 apud LUCENA, 2016, p. 45)

A princípio percebemos a ação da igreja católica como instituição propagadora da produção musical nos seus eventos religiosos para celebrar os dias de comemoração de seus padroeiros é corriqueiro.

Os grupos musicais que eram compostos de escravos negros barbeiros – nome dado por outra profissão que estes músicos desenvolviam, os músicos eram chamados para tocar nas festividades religiosas – desenvolveram suas atividades musicais até a chegada da família Real no Brasil. Nas bandas de negros barbeiros eram compostos por charangas, que seriam instrumentos da família do Oboé, continham um repertório variado, eram responsáveis pela animação em festas como também estavam presentes em celebrações religiosas como: novena, procissões, dentre outros eventos. Outro fator relevante nas bandas de música de barbeiro se trata do desenvolvimento de música popular, estas bandas contribuíram para a variação de vários gêneros musicais, como nos mostra a historiadora Costa:

Os barbeiros tiveram grande importância no desenvolvimento da música popular, pois contribuíram para a criação do maxixe, devido à mistura cultural dos brancos (portugueses, em particular) e dos negros. Esses grupos também foram os grandes incentivadores e influenciadores do choro, samba e outros gêneros musicais brasileiros. Além disso, contribuíram para a difusão de danças e gêneros musicais tais como: a polka, a valse, a mazurka, a scottish, a gavotte, a quadrille, que chegavam ao país pelo porto do Rio de Janeiro, imprimindo características nativas a esses gêneros. Esse tipo de conjunto musical teve intensa participação nos estados da Bahia e do Rio de Janeiro. (COSTA, 2011, p. 245)

Percebe-se que as canções executadas pelas bandas de música de barbeiro ou charangas assim como também eram conhecidas, desenvolveram um papel importante na herança musical para as bandas que viriam a surgir, com gêneros musicais como: maxixe, choro, valsa, entre outros. Essas charangas tocavam instrumentos como: flauta, cavaquinho, violas, rabeca, trompa, pistão, pandeiro, tamboril, machete.¹¹

A intensificação das bandas de música no Brasil aconteceu com a chegada da Família Real, pois foi a partir disso em 1808 que a vida cultural teve mudanças, em aspectos sociais, urbanas entre outras, trazendo transformações nos hábitos da população.¹²

¹¹ LUCENA, Wilson José Lisboa. **Tocando amor e tradição : a banda de música em Alagoas** / Wilson José Lisboa Lucena. – Maceió : Editora Viva, 2016 v.1. p. 47.

¹² COSTA, Manuela Areias. **Notas Sociais: As Práticas Da Banda Da Sociedade Musical São Caetano (1890-1930)**. Mariana. Instituto de Ciências Humanas e Sociais – UFOP.2010. 93f. (Monografia em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2010.

No âmbito musical as transformações se procederam através da iniciativa de mudanças no repertório, a profissionalização do músico, que teve como responsável para ministrar as aulas na Capela Real e quartéis. (COSTA, 2010, p. 28). Nesse contexto a presença de instrumentos europeus aumentaram nas bandas a influência do exterior não só na questão instrumental, mas também nas músicas, pois os regentes recebiam partituras de músicas vindas de Portugal, especificamente de Lisboa e de outros lugares. Costa ainda acrescenta sobre a influência de músicos italianos migrados nos repertórios e com instrumentação.

As Bandas de Música no contexto colonial perderam características das bandas de barbeiros ou charangas. Com a chegada do D. João com a corte portuguesa, as bandas tornaram-se “regimentos de Primeira Linha”¹³, pois começaram a ter maior visibilidade por parte dos governantes, passando a serem responsáveis na produção da música oficial.

As bandas como organização civil, "Sociedades Musicais" só começaram a surgir em meados do século XIX na Bahia, Minas Gerais e São Paulo. Porém, um francês que visitou a Bahia em 1610, conta que um rico possuía uma banda de música de trinta figuras, todos negros escravos, regidos por um francês provençal. (FILHO, 2010, p. 32).

Através da citação, Filho (2010) relata que a constituição das bandas também representava uma divisão de classes, e hierarquização nas relações de trabalho. A presença das bandas de música se tornou mais frequente nas festividades da Família Real, como forma de mostrar todo o poder da corte no Brasil. A realidade das Bandas desde o início teve a intenção de através da música representar de forma simbólica o poder, como nos mostra a historiadora Costa (2010) em referência ao autor Fernando Binder que diz:

É relevante ressaltar que desde sua origem, as associações musicais em geral, sempre mantiveram próximas do poder, apresentando funções simbólicas. As referências encontradas em relação às mesmas são sempre associadas à figura do rei ou do imperador, de uma irmandade religiosa, de um poderoso proprietário rural, ou partidos políticos. A sua existência sempre esteve condicionada a realização de eventos e comemorações onde se fazia necessário o destaque através da música. (COSTA, 2010, p. 29)

Percebe-se que as Bandas de Música desde a sua fundação sempre esteve ligada de forma simbólica ao poder, como instituições como: a igreja, os fazendeiros a família real enfim,

¹³ COSTA, Manuela Areias. **Notas Sociais: As Práticas Da Banda Da Sociedade Musical São Caetano (1890-1930)**. Mariana. Instituto de Ciências Humanas e Sociais – UFOP.2010. 93f. (Monografia em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2010. P. 29

as bandas de música se faziam presente para exaltação deste entidades símbolos que por muitos anos eram símbolos de poderio.

A Corte Portuguesa com suas celebrações fez com que as bandas de música se firmassem e contribuíssem para a valorização dos músicos, muitos instrumentistas que vieram da música popular tiveram oportunidade de expressar o seu talento, isso se deu a partir da Guarda Nacional em 1831¹⁴ que faz através da inspiração militar, a banda civil crescer e se tornar responsáveis pelos cultivos de músicas europeias como também divulgar os diversos gêneros populares, durante o século XIX. O repertório executado por tais bandas, continham não só os hinos e marchas, mas também foram introduzidas, trechos de músicas populares, como também de valsas, maxixes entre outros.

Mariana Areias Costa (2011) salienta que as Bandas Militares influenciaram as demais bandas civis que surgiram posteriormente no território brasileiro. Quase todas as bandas civis passaram a usar uniformes que lembravam os dos soldados e a marchar, em forma, como tropa. O repertório popular também passou a ser usual entre as bandas militares. A historiadora menciona que Carvalho (2009, p.40) observa que diferentemente do Exército de Linha, que tinha músicos com formações militares prévias, os dos Batalhões de Voluntários da Pátria vinham de camadas populares, muitos deles sem uma formação militar inicial, e que aprenderam a tocar em bandas civis ou mesmo em igrejas. Esse fato fez com que o repertório popular estivesse muito presente na campanha militar, já que era isso que os instrumentistas estavam habituados a tocar. (COSTA, 2011, p, 248)

As Bandas de música tornaram-se numerosas em meados do séc. XIX, esse fato abordado por Vinicius Mariano de Carvalho em “História e Tradição da música militar”, aponta para o fato das bandas assumirem o serviço eclesiástico que antes era recrutado pelas orquestras, onde músicos cumpriam funções militares e também social. Carvalho salienta para a grande proliferação e ostentação em relação aos nomes que eram assim lhes dado:

A partir daí começaram a surgir as bandas civis, as quais proliferaram no final do século XIX, quase sempre duas em cada povoado. Ostentando nomes iniciados, em geral, por Lira, Filarmônica, Associação, Corporação ou mesmo Banda, com uniformes que lembram o dos militares e com os tradicionais quepes, as bandas de cada cidade concorriam entre si. (CARVALHO, 2009 p.5)”

Com o aumento das bandas de música no fim do século XIX, essas instituições foram incorporando a esses nomes alguns títulos como: Filarmônica, associação entre outros termos,

¹⁴ Ibidem. P. 30

como também aderiram a vestimenta de caráter militar para assim enfatizar seu progresso e a imagem disciplinar acarretava na organização das bandas. Neste sentido a presença das bandas foram cada vez mais sendo requisitadas em eventos como: procissões, funerais, festas de padroeiro, festas religiosas e presentes também nas comemorações cívicas,

Estas sociedades musicais ao longo deste período passam a desenvolver música para as grandes massas através das apresentações públicas, nas ruas das cidades. Como abordado e já mencionado por carvalho anteriormente, essas instituições passam a ostentar os nomes iniciados, e utilizavam trajes que remetiam aos uniformes militares. Dessa maneira a Banda musical foi considerada com o passar dos tempos as instituições mais populares no Brasil.

Na passagem do século XIX para o XX as Bandas de música foram cada vez mais incorporando no cenário urbano das cidades brasileiras. Nesse contexto houve tanto a modernização técnica de grande parte das cidades quanto à multiplicação de construção simbólica ligadas ao novo estilo urbano da primeira república (COSTA, 2012, p. 48), dessa maneira as Bandas conviveram com essas mudanças temporais, elaborando práticas, reinventando suas tradições.

Apesar do início musical em períodos anteriores percebemos em vários trabalhos realizados nas áreas de musicologia e de história que somente em meados dos séculos XIX a produção musical constitui-se de forma mais consolidada pelas bandas militares e municipais.

5.1 As Bandas de Música em Alagoas

A partir do século XIX e XX as bandas de música se proliferaram estando cada vez mais espalhadas em todo território brasileiro, nesse momento essas sociedades musicais passam a estar inseridas em festas que não fossem diretamente ligadas às festas oficiais, atendendo as grandes massas com suas apresentações acessíveis ao público, aumentando ainda mais o cenário urbano de vários estados brasileiros.

Em referência ao livro “Tocando Amor e Tradição: A Banda de Música em Alagoas” de Wilson Lucena - já utilizado ao longo deste trabalho - que faz um apanhado breve sobre a possível proliferação das bandas associando ao desenvolvimento econômico no século XIX¹⁵, essa associação está ligada por exemplo: a exploração das riquezas minerais em Minas Gerais, na Bahia, São Paulo, Pernambuco, entre outros. Importante ressaltar aqui que o autor nos fala

¹⁵ LUCENA, Wilson José Lisboa. **Tocando amor e tradição : a banda de música em Alagoas** / Wilson José Lisboa Lucena. – Maceió : Editora Viva, 2016 v.1. p. 83.

que a exploração econômica pode estar ligada a cultura, porém ele “não reconhece, que a expansão das Bandas de Música no Brasil esteja vinculada ao desenvolvimento econômico do século XIX”. (LUCENA, 2016, p. 83).

Em Alagoas, Lucena nos mostra que Indústria têxtil fora responsável pelo “surto” das bandas de músicas, que ficaram conhecidas nesse contexto como “bandas operárias”, o autor ainda exemplifica demonstrando algumas: Companhia Industrial Penedense, da cidade de Penedo; Fábrica de Linhas da Pedra em Delmiro Gouveia, e outras cidades Rio Largo, Maceió e São Miguel. É relevância salientar que com o fechamento das companhias, as respectivas bandas acabaram desaparecendo. O ápice das Bandas filarmônicas em Alagoas com informação do historiador Moacir Medeiros Sant’Ana afirma:

A “belle époque¹⁶ bandística alagoana”, cognominada de “época das filarmônicas”, pelo historiador Moacir Medeiros Sant’Ana, ficou compreendida entre o ano de 1876, quando da criação da Sociedade Recreio Filarmônico dos Artistas, de Maceió, fundada em 15.08.1876) e o ano de 1915, quando da criação da sociedade Filarmônica Carlos Gomes, de Marechal Deodoro, fundada em 15.11.1915). (LUCENA, 2016, p. 84)

Desta forma vemos que a partir desse período datado de 1876 à 1915, foram fundadas várias sociedades musicais nas cidades alagoanas como em: Penedo, Pilar, Maceió, Traipu, Palmeiras dos Índios, Viçosa, Arapiraca, São Miguel dos Campos, Delmiro Gouveia e por fim Marechal Deodoro é considerada exceção ao se tratar das bandas operárias que desapareceram com o fechamento das companhias, tendo a Sociedade Filarmônica Santa Cecília e a Sociedade Musical Carlos Gomes desempenhando suas atividades.

Neste capítulo foi retratado como as bandas de músicas se proliferaram nos Brasil, tendo como o evento da vinda da família real em 1808 e a criação da Guarda Nacional, eventos que marcam como principais fatos em que as bandas de músicas estiveram presentes. A partir desses eventos históricos os perfis das bandas foram se constituindo, a influência das bandas militares, a partir dessas contribuições acerca do histórico das bandas de música no contexto brasileiro, o próximo capítulo foi destinado à banda Filarmônica Santa Cecília, abordando assim a sua história a partir do diálogo entre os sujeitos e as bibliografias que concerne nesse contexto.

¹⁶ A “belle époque”, expressão francesa que significa Bela época, foi um período de cultura cosmopolita na história da Europa, que começou no fim do século XIX (1871) e se estendeu até 1914, quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial. (LUCENA, 2016, p. 83)

CAPÍTULO VI: A BANDA SANTA CECÍLIA COMO AGENTE PROPULSOR DA PESQUISA: REFERÊNCIAS E CONTEXTO ATUAL

A Banda Filarmônica Santa Cecília da Cidade de Água Branca – Alagoas, tem como data de sua fundação 22 de novembro de 1922, pelo Maestro José Hemiliano Vieira Sandes¹⁷. Esta data consta na lei Municipal nº 499/05, de 10 de outubro de 2005, (Anexo 1, p.76).

[...] Na verdade quando essa banda foi criada, ela pertencia a igreja, ela tem como data de fundação 22 de novembro que é o dia de Santa Cecília, mas na verdade a primeira apresentação foi no dia de encerramento do coração de Jesus que é o mês de junho [...] Valério Amaral, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 2 desta monografia.

Tratando-se da criação da Banda Santa Cecília podemos perceber através do relato acima que o maior intuito da criação desta, foi de cunho religioso, especificamente da igreja católica.

Ao que se refere dos iniciais da Banda Santa Cecília não foi encontrado algum registro até a realização deste trabalho, o que se sabe é mencionado em poucos relatos por familiares de músicos que fizeram parte, munícipes que ouviram histórias a respeito, mas nada com muito detalhe. Como vemos no Relato do Entrevistado Manoel Teodoro Filho, também ex-integrante da Banda Filarmônica na década de 50, que permaneceu 35 anos na banda:

[...] O meu pai (Manoel Teodoro, in memoriam) falava que ele ainda tocou com esse José Hemiliano, ele tocou na época de José Hemiliano e aí ele contava a gente que este Maestro foi quem começou, aí depois passou para o Enoque Marques, Miguel Baião, aí depois desses 3 maestros aí, a banda deu uma parada, não houve mais maestro e aí parou por aí e depois foi quem começou com o Zequinha,...Mas esses três maestros pra traz eu não fiz parte, meu pai ainda tocou, meu sogro... Não lembro de ver a Banda tocando[...] Manoel Teodoro Filho, 2018. Entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

O relato acima menciona o período em que o pai do entrevistado Manoel Teodoro Filho fazia parte da Banda Filarmônica Santa Cecília no período do considerado primeiro Maestro José Hemiliano, informação essa obtida nos vários relatos que informam sobre a fundação da Banda, porém há uma carência de documentos, fotografia que ilustre tal informação. Até a realização deste trabalho as informações dos anos iniciais foram escassas, estando aqui

¹⁷ Feitosa, Edvaldo de Araújo. **Água Branca: História e memória** / Edvaldo de Araújo Feitosa. – Maceió : EDUFAL, 2014. p. 59

mencionado só nos relatos dos antigos músicos, como demonstrado no trecho acima, onde narra essa informação que lhe foi passada já pelo seu pai.

Importante ressaltar que os citados no trecho acima já se encontram falecidos. Dessa forma as respectivas informações que discerne sobre a Banda Filarmônica Santa Cecília com mais detalhes são a partir dos anos 1950, através das partituras manuscritas pelos Maestros que estavam a frente da Banda nas respectivas datas, nelas contem a datação de sua escrita, assim como também neste trabalho foi fundamental a utilização da memória de antigos músicos que eram componentes da Banda nesses períodos, para melhor compor as informações a respeito da Banda aqui estudada.

A composição da Banda Filarmônica Santa Cecília através dos relatos apresentados pelos entrevistados Manoel Teodoro Filho, 76 anos de idade e Manoel Baptista, 81 anos, ambos estavam dentre os 12 músicos que compunham a banda nesse período.

[...] Eu comecei a tocar em 1955, com 15 anos de idade, toquei 35 anos na banda. Aqui da cidade só era 8 músicos, todos daqui agora a gente ia tocar no tempo das festas tinha uns 4 rapaz de Delmiro que eram músicos mas não tavam na ativa, vinham para ajudar também, ai formava 12, 15 músicos[...]
Manoel Teodoro Filho, 2018. Entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

Através do relato do Senhor Manoel e da fotografia abaixo, vemos que a formação da Banda era pequena, não tendo muitos músicos, contando com a colaboração de músicos que residiam na cidade vizinha, Delmiro Gouveia – AL, isso resultava também na pouca variação de instrumentos.

Figura 2 Banda Filarmônica Santa Cecília, meados dos anos 1955-56. Sob a Regência do Maestro José Marques Correia



Fonte: Acervo Pessoal Maestro Valério.

A Banda filarmônica Santa Cecília estava caracterizada como as tradicionais Bandas de música como podemos perceber na figura 2, pois configurava-se no estilo característico das bandas militares, como mencionado nesse trabalho através de Carvalho (2009) que tinham em seus trajes os uniformes militares e os quepes.

A educação musical nas Bandas de música conforme Moreira (2007), nos diz que esta prática é muito comum ser transmitida “de boca em boca, e geração em geração”. É neste sentido que percebemos que não só o interesse, mas que a aprendizagem de alguns músicos da Banda Filarmônica Santa Cecília se deu dessa forma, através da influência dos familiares levaram a continuidade das atividades musicais da Banda Santa Cecília, onde pais, familiares influenciaram a entrada de novos membros. Como foi o caso do senhor Manoel Teodoro Filho, onde relata que:

[...]Achei bonito, meu pai tocando, aprendi um pouco com meu pai, depois comecei com Zequinha, depois o Maestro Zé Gonzaga assumiu, aí toquei alguns anos com ele, ele faleceu (Zé Gonzaga), daí Zequinha continuou. Meu pai tocava Clarinete, ele começou primeiro do que eu, com os outros Maestros[...] Manoel Teodoro Filho, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

Neste sentido percebemos a tradição do passar de geração a geração aliada a aprendizagem passada pelo maestro responsável na época. Nas entrevistas realizadas para a elaboração deste trabalho, foi mencionado também a experiência do músico Manoel Baptista, ao ter contato com a música no seminário, onde participava de um coral, e aprendeu suas primeiras noções de música mesmo que essas fossem destinadas a coral.

A experiência de fazer parte de coral também foi motivo de influência para que músico entrasse na Banda Santa Cecília, como foi o caso do músico Manoel Baptista que mostrou interesse na Banda após chegar do seminário em 1957 com 20 anos de idade, lá teve contato com a música através do Coral do seminário com o Frei Bernardino.

Quando fui pra o seminário lá tive um começo com Frei Bernardino, mas era assim só pra coral... Depois eu vim embora... em 50, 52 fui pra o seminário e participei do coral e depois em 1957, eu vim embora e entrei na Banda, na escola de música, na aula de música com Zé Gonzaga [...] Ele ensinava na Rua São Bento naquela casa de “Seu Né Batista” [...] Manoel Baptista, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 4 desta monografia.

Se Tratando da história da Banda Filarmônica Santa Cecília sempre recorreremos as memórias daqueles que um dia já fizeram ou fazem parte deste grupo musical, pois a recordação

de um membro possibilita a construção da memória coletiva. É nessa perspectiva que as entrevistas aqui realizadas estão nos possibilitando através das recordações pessoais uma construção de coletividade, pois a memória está envolvida nesse contexto social do coletivo. Corroborando com Halbwachs (1990) que salienta a interrelação memória individual e coletiva ao afirmar que lembramos de algo sempre no âmbito social, pois estas lembranças estarão recorrendo à outras pessoas. Assim concluímos que a memória não é algo somente individual, mas sim coletiva, pois ao recordarmos das lembranças por nós vividas sempre nos remeteremos à outras pessoas se tornando assim uma propriedade grupal Le Goff (2003).

Figura 3 Banda Filarmônica Santa Cecília, meados dos anos 1960-70.



Foto: Arquivo Pessoal de Manoel Baptista

Tratando-se da memória individual e coletiva é perceptível não só nas entrevistas, como nos registros das imagens conforme figura 3 é notório que a recordação do momento desse registro não está somente presente nos músicos da Banda Filarmônica Santa Cecília, mas também nos moradores que um dia já moraram na cidade de Água Branca, como é o caso da mulher ao centro dos músicos, a mulher conhecida como Dona Helena, filha do Maestro Miguel Baião, como assim era conhecido popularmente, que no ano da fotografia este já não era mais maestro da banda.

Neste sentido é perceptível a importância da memória individual e coletiva para a sociedade, pois as recordações individuais não fixam somente em uma só pessoa, ela se constitui através de associações a outras pessoas e eventos.

As Bandas de Música no Brasil e sua vinculação a Igreja é marcada desde dos séculos XIX e XX, concordando com Tinhorão (1972) *apud* Lucena (2016), demonstra essa instituição religiosa como “principal agente de estimulação à produção musical”. É nessa perspectiva que nota-se a Banda Filarmônica Santa Cecília, presente nos principais eventos da igreja católica, como: procissão, novenas em comunidades rurais e urbana, dentre outras. Como menciona Manoel Teodoro Filho:

[...] Aqui era principalmente na Festa da Padroeira, começava na vespera até o dia da festa e então quando tinha festa no Pariconha, a gente ia tocar na festa do Pariconha, a prefeitura contratava a gente pra ir, na festa do Boqueirão, Alto dos coelhos, Tingui, na festa de Craiberas do Tepdózio, que era município de Pariconha também. Na Mata Grande na procissão de lá a gente ia tocar também [...] Manoel Teodoro, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

Dessa forma podemos assim perceber que a presença da Banda Filarmônica Santa Cecília nos festejos religiosos católicos era de suma importância tornando-se cada vez mais presente e firmando essa característica ao longo dos seus anos. Outros eventos foram aparecendo como: apresentações cívicas, populares mas inicialmente seus principais convites se tratavam de eventos religiosos. Os relatos orais e alguns documentos investigados permitem afirmar que a finalidade inicial da Banda era comemorar as festividades religiosas vinculados à Igreja católica.

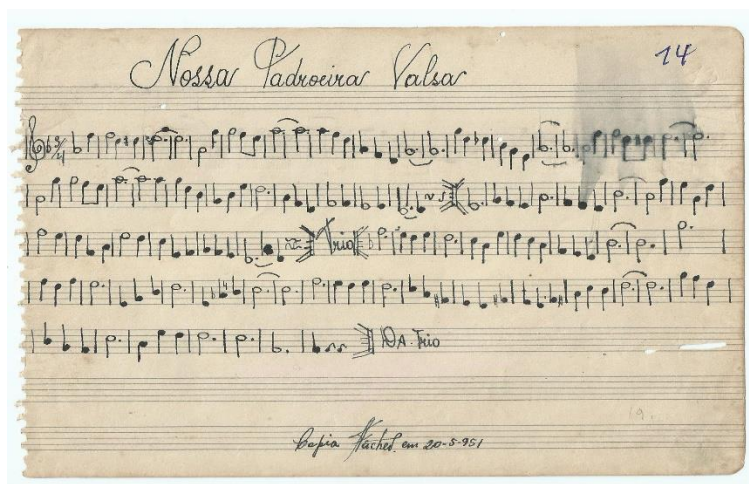
Presente nas mais variadas apresentações, a Banda Filarmônica possuía um repertório tradicional das Banda de Músicas que nele consistia em marchas que se encaixavam dentre os tipos: religiosas, militares e carnavalescas.

[...] a gente tocava os dobrados que tinha arquivado antigo, aí ele (Maestro) entregava, a gente solfejava e tal e a gente aprendia, decorava... os que mais executava era Capitão “Casula” e saudades de minha terra, Duzentos e Vinte (220) e outros era Saturnino Souza, que era dobrado antigo, Firmino Marques Correia. Tocava samba, tocava umas marhinhos de carnaval [...] Manoel Teodoro, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

As marchas de estilo religiosas eram executadas em eventos de caráter religiosos, já que a Banda tinha uma atuação significativa nesses eventos. No acervo disponibilizado pelo Neto, Diego Silva, do Maestro Seu Zequinha (in memoriam), como era assim conhecido

popularmente, foi encontrado algumas dessas marchas religiosas, que são executadas no eventos destinados a eventos dessa categoria. Na figura 4 mostra uma das marchas religiosas, partitura copiada em 1951.

Figura 4 Cópia Marcha Religiosa, 1951.

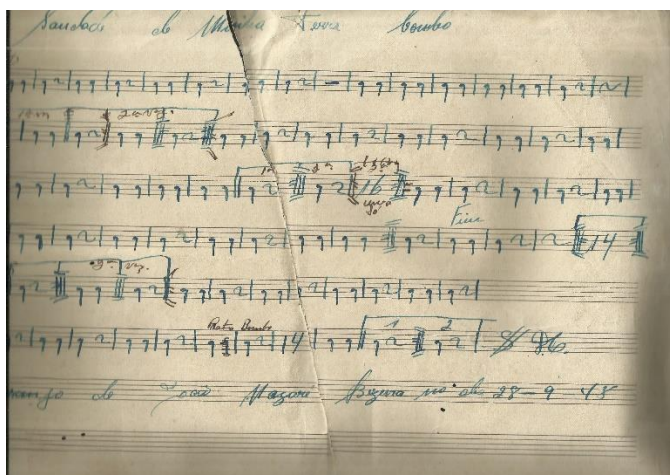


Fonte: Acervo Diego Silva

As marchas militares caracterizam as Bandas de música por ter a sua herança das Bandas Militares, nesse sentido foi encontrado um número significativo de Dobrados¹⁸, talvez o gênero mais típico das bandas de música, Schneider (2011). Os dobrados ainda são executados nas mais diversas apresentações da Banda Filarmônica Santa Cecília.

¹⁸ [...] O ritmo do dobrado é binário, com forte acentuação do tempo forte do compasso, que usualmente é o compasso simples 2/4. Caracteriza-se por uma harmonia com uso de poucas dissonâncias e andamento por volta dos 112 bpm. Segundo Rocha (s.d.), o gênero teve origem no passo dobrado das marchas militares europeias e, mesmo que tenha herdado características destas marchas, ganhou um caráter próprio, tornando-se um gênero brasileiro [...]. Schneider, 2011, p. 62

Figura 5 Cópia do Dobrado Saudade de Minha Terra, 1948.



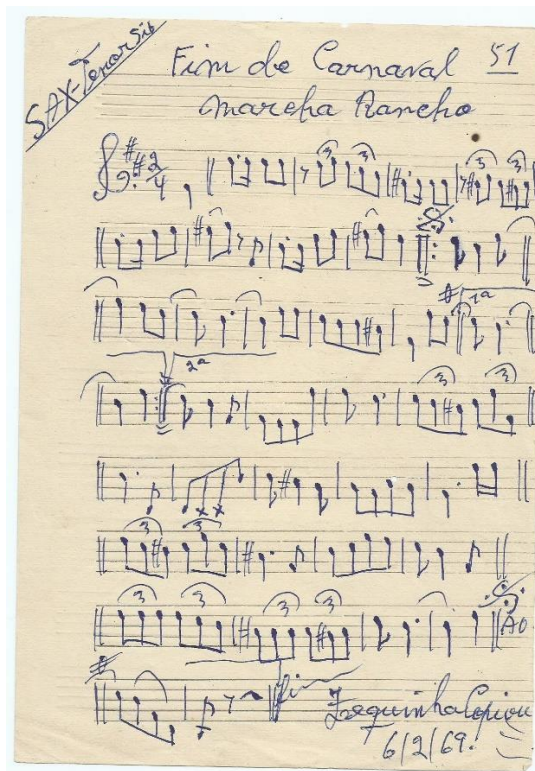
Fonte: Acervo Diego Silva.

A figura 5, cópia de uma partitura do dobrado Saudade de minha terra para bombo, muito executado nas bandas de música, inclusive esse dobrado ainda permanece no repertório da Banda Filarmônica Santa Cecília.

Conforme Carvalho (2009) a criação das Bandas militares se deu a partir da revolução Francesa, influenciando as Bandas Filarmônicas que se se consolidaram no século XIX. Através disso ganharam cada vez mais visibilidade no território brasileiro, deixando de ser nesse momento uma banda para somente abrilhantar os festejos religiosos, mas sim para exercer o papel de ensino de música e representação da cultura. As bandas filarmônicas atreves da influência das bandas militares, adota alguma dessas características no seu repertório que está inserido principalmente os Dobrados, seu fardamento também sofre influência, dentre outros, mas esses aparecem com mais evidência.

O estilo de marchas carnavalescas também se fazia presente nas apresentações da Banda, sendo esse um gênero que deriva das marchas militares, acabou penetrando-se nas Bandas de músicas. Através de Castagna (2003b), Schneider (2011) nos mostra que as marchinhas de carnaval estavam presentes nas “orquestras típicas” nos anos 20, e que através delas surgiram as marchas-ranchos, que eram mais lentas, muitas vezes mais sentimentais e que a partir do fim dos anos 20 já foram compostas as marchas com designação de marchas-rancho. (SCHNEIDER, 2011. P. 70).

Figura 6 Cópia Marcha-Rancho,1969.

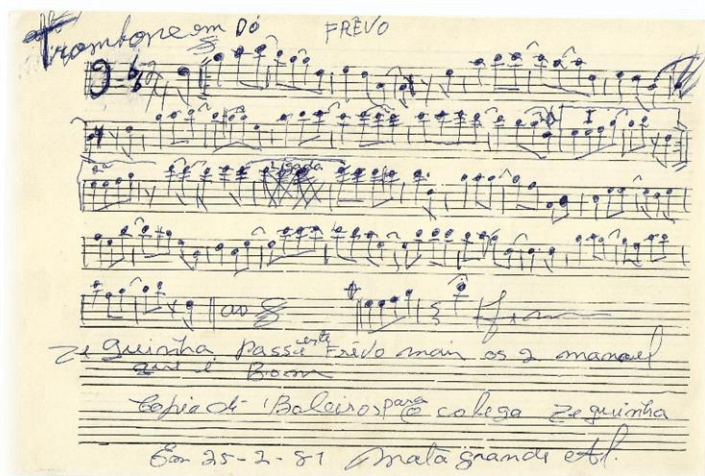


Fonte: Acervo Diego Silva

Esses entre outros gêneros como: samba, forró, bolero, valsa se faziam presentes no repertório da Banda Santa Cecília ao longo dos anos 50 aos anos 80, percebe-se através das partituras encontradas no acervo como também com o dialogo dos entrevistados que passaram mais de 35 anos atuando na Banda, que algumas das músicas presentes no repertório da Banda Santa Cecília também era de composição, o arranjo dos músicos que ali passavam ou também de outras Bandas, assim faziam seus arranjos e ofereciam para a Banda Santa Cecília executar tais composições, contribuindo assim para diversificação do repertório.

Se tratando ainda das partituras que estavam no repertório da Banda Santa Cecília arquivadas no acervo, as marchinhas de carnaval se destacavam em meio as diversas músicas por ela executadas, assim como ilustrada na figura 7, mesmo não estando em período de carnaval essas marchas eram executadas pela banda.

Figura 7 Cópia Frevo, cedida pelo Maestro de Mata Grande em, 1981.



Fonte: Acervo Diego Silva.

A figura 7 mostra esse exemplo de contribuição dos colegas músicos ao repassarem seus arranjos, a cópia da partitura do frevo repassada para o Maestro Zequinha em 1981 pelo instrumentista Sebastião da Silva, conhecido como Boleiro da Banda de Mata Grande – AL, onde menciona o Maestro Zequinha e os músicos Manoel de iaiá e Manoel de bié, assim como são conhecidos popularmente.

Os Maestros apresentavam além do papel de guiar a banda também atuavam como compositores, arranjadores. Na Banda Santa Cecília passaram os maestros, além do seu criador José Hemiliano Vieira Sandes, contribuíram para dar continuidade aos trabalhos musicais: Manoel Dias, Alexandre Vieira de Siqueira Torres, Miguel Gomes Correia (Miguel Baião), José Marques Correia (Zé Gonzaga), José Francisco Silva (Zequinha), Expedito Aguiar, Walmir Fonseca de Souza e por fim Valério Amaral. (Feitosa, 2014). Porém aqui foi mencionado com mais ênfase alguns dos maestros, por consequência de falta de documentação ou relatos que tratassem com mais detalhes a respeito de seus trabalhos a frente da Banda Filarmônica Santa Cecília. Aqui serão mencionados através dos relatos o Maestro Zequinha que ficou a frente da banda aproximadamente 14 anos, Maestro Valmir Fonseca que permaneceu 20 anos como Maestro da Banda, e o Atual Maestro Valério Amaral que desde o falecimento de Walmir Fonseca em 2011 vem desempenhando um relevante trabalho a frente da Banda Filarmônica Santa Cecília com dedicação e inovação.

José Marques Correia, conhecido popularmente como Zé Gonzaga, é mencionado nos relatos brevemente, pois este já estava a frente da Banda quando os entrevistados Manoel Teodoro Filho e Manoel Baptista, representantes aqui da velha guarda, ambos fizeram parte da

Banda a partir dos anos 50, tendo como Maestro nesse período o Zé Gonzaga, mesmo que por pouco tempo pois o mesmo chegou a falecer, como relata Manoel Teodoro Filho:

[...] Zé Gonzaga era o maestro. Ele morava em São Paulo, já era músico aí quando ele voltou aí cederam a vaga pra ele. Que ele antes era músico, aí foi embora, quando voltou já foi maestro e era bom maestro, acho que ele compositava, as músicas, assim sabe?! fazia as partituras, escrevia e dividia música muito bem, tocava instrumento era contrabaixo, piston, trombone e tocava tudo isso aí, Zé Gonzaga ficou pouco tempo, 5 anos aí depois Zequinha continuou [...]. Manoel Teodoro Filho, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

Como podemos perceber através do relato acima o período de Zé Gonzaga foi curto em média de 5 anos para assim passar a responsabilidade da Banda para o então Maestro Zequinha. Com o falecimento do Maestro José Marques Correia, Zé Gonzaga, a patente da Banda Filarmônica passou para José Francisco Silva, conhecido como Maestro Zequinha, que deu continuidade as atividades.

O Maestro Zequinha era da cidade de Pão de Açúcar-AL, além de aprender o ofício de músico, também era alfaiate, e era empregado aqui em Água Branca – AL na Companhia de Energia Elétrica como leiturista. Em Entrevista Valério Amaral ressalta que muitos dos músicos desempenhavam funções como a de alfaiates, sapateiros.

O momento em que o Maestro Zequinha estava como responsável da Banda é marcado por uma divergência de informações a respeito da possibilidade de encerramento das atividades da Banda Santa Cecília. Manoel Teodoro filho menciona em seu relato esse fato, afirmando que “A banda deu uma parada, não houve mais maestro, num apareceu mais maestro e aí parou por aí e depois foi quem começou com o Seu Zequinha”.

Outro músico entrevistado Evandro Sandes, que fez parte da Banda a partir dos anos 80, também menciona essa parada da Banda Santa Cecília e a retomada com o Maestro Zequinha com uma nova turma de aprendizes de música, afirmando que:

[...] Quando a banda Santa Cecília acabou, que ai ninguém diz mas acabou mesmo, a Banda Santa Cecília acabou... o Padre Rosevaldo trouxe duas vezes a Banda de Pão de Açúcar pra cá, ai eu vi em 86 a Banda de Pão de Açúcar tocando... ai quando foi em 86 mesmo né![...]. Antônio Grilo convidou Seu Zequinha pra formar a Banda[...] Evandro Sandes, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

Os relatos acima demonstram que a banda filarmônica Santa Cecília acabou não estipulam o período aproximado que isso ocorreu, se esta demorou para se reestruturar. Um dos

motivos citados para esse fato foi a falta de maestro, recorrendo assim a banda de cidades vizinhas.

Importante aqui salientar que encontramos divergências a respeito desse fato pois em relatos de outros entrevistados, mencionam que a Banda Filarmônica Santa Cecília não chegou a acabar mas sim passou por um enfraquecimento, por falta de músicos e não que esta chegou a parar com suas atividades, onde se precisou do reforço de músicos de outras cidades como: Delmiro Gouveia, Paulo Afonso- BA e até da Banda de Pão de Açúcar.

[...] A Banda passou por um período que quase acabou, justamente na década de 80, entre os anos de 85 a 87, que nessa época a banda ficou com poucos músicos e pra poder tocar tinha que vim músico de fora: Delmiro, Paulo Afonso, inclusive até nessa época quem veio tocar, fazer a festa foi a Banda de Pão de Açúcar... aí quem reativou a Banda foi o Maestro Zequinha, pegou uma turma de rapazes e fez outra turma e daí pegamos o gosto e não deixamos mais a peteca cair [...] Valério Amaral, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 2 desta monografia.

A Banda Filarmônica passou por uma reestruturação e o Maestro Zequinha foi responsável para que isso acontecesse, depois da saída dos músicos da velha guarda, ele precisava preencher a banda para dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos. Como ressalta Valério Amaral, “Quem reativou a Banda foi o Maestro Zequinha, pegou uma turma e daí a gente pegamos o gosto e não deixamos mais a peteca cair”.

O fato da fragilidade da Banda também foi mencionado pelo entrevistado Manoel Baptista, ao dizer que a banda tinha poucos componentes, mas que sempre existiu, tocavam em outras cidades, um grupo pequeno, mas que desenvolviam os trabalhos. O entrevistado fala no período muito curto em que ela foi reorganizada para se fazer presente na festividade da Padroeira do município. Mesmo com essas informações a Banda Santa Cecília é sempre mencionada com a data de criação de 1922 sem interrupções, com 95 anos realização de seus trabalhos.

Como mencionado a fragilidade da Banda Filarmônica Santa Cecília em meados dos anos 1980 fez com que a banda passasse por uma reestruturação. Através das informações obtidas pelas entrevistas informam que em meados dos anos 80 mais especificamente na gestão do Prefeito Antônio Batista de Oliveira (Antônio Grilo), que José Francisco Silva (Zequinha) passou a ser Maestro responsável pela Banda Filarmônica Santa Cecília.

Em Entrevista com o atual Maestro Valério Amaral, ele relata alguns detalhes do período em que Maestro Zequinha esteve à frente. Valério ressalta só foi em meados de 1983-

88, período que corresponde à gestão do Prefeito Antônio Grilo que o Maestro Zequinha foi convidado a reestruturá-la.

É nesse momento de meados dos anos 80 que a Banda Filarmônica Santa Cecília passa por uma mudança, o que antes caracterizava a banda por músicos adultos, agora uma nova turma juvenil adentra a Banda. É nesse contexto que a Banda conta com a entrada de aproximadamente 15 jovens que se interessaram à aprender e dá continuidade a Banda Santa Cecília. Assim um novo perfil da Banda começa, mas mantendo as raízes das Bandas de Música, suas apresentações continuaram ligadas à Igreja como de costume, como também aparecendo eventos cívicos como o 7 de setembro, evento onde se comemora à Independência do Brasil, dentre outros. Os relatos apontam que o Maestro Zequinha ficou responsável pela Banda até o final dos anos 80, se afastou por problemas de saúde, assim a patente da Banda Filarmônica fica por conta do Expedito Aguiar.

As informações à respeito do Maestro Expedito Aguiar, nos diz que este morava em Paulo Afonso, onde era funcionário da Companhia Hidro Elétrica de São Francisco (CHESF) e Maestro da Banda da mesma companhia. Valério Amaral ressalta que o mesmo ficou a frente da Banda como Maestro até o início dos anos 90. Sua saída também se deu por problemas de saúde já que o mesmo não residia no município de Água Branca resultando na dificuldade de locomoção. Com a saída do Maestro Expedito Aguiar, a Banda Filarmônica Santa Cecília recebe outro Maestro por indicação. A vinda do Maestro Walmir se dá através da indicação do Senhor Barbosa para o então Prefeito na época Wilson Torres, em 1991.

Walmir Fonseca, residia em Paulo Afonso na época, mas era natural da cidade de Jardim do Seridó, Estado do Rio Grande do Norte, onde cresceu já envolvido no mundo da música, seu pai era Maestro e ele participou de banda ainda criança.

[...] Seu primeiro contato na música foi por meio do seu primeiro professor e Maestro Senhor Jaime Brito, que por sua vez ensinava música na sede da Banda Filarmônica Euterpe Jardimense na cidade de Jardim do Seridó. Anos mais tarde, Walmir ingressava como músico na referida Filarmônica, aos 12 anos de idade. Durante 6 anos foi parte integrante da banda. Saiu aos 18 anos para cumprir suas obrigações no exército brasileiro. Serviu ao seu país durante 12 meses na cidade de Caicó-RN. Aos 19 anos, retornou para sua cidade natal Jardim do Seridó. [...] Odete Silva, 2018. Relato na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 6 desta monografia.

Através do relato do relato da esposa do já falecido Walmir Fonseca, percebemos seu envolvimento com a música desde muito cedo. Ao longo dos anos participou de várias bandas

de cidades vizinhas de Jardim do Seridó como: Banda Euterpe Jardinense, Banda Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas, de Acari-RN; Filarmônica 11 de Dezembro, de Carnaúba dos Dantas; Banda Filarmônica 11 de fevereiro de Parelhas-RN. Como também participou de Bandas-Baile como a Fobus, a Banda Feras e a Estrelar.

Figura 8 Banda Filarmônica Santa Cecília, Maestro Walmir Fonseca, Festa da Padroeira de Água Branca - AL, 1994.



Fonte: Acervo Pessoal do Maestro Valério Amaral.

A partir dos anos 90 o Maestro Walmir já desenvolvia seu trabalho a frente da Banda Filarmônica Santa Cecília como mostra a figura 8, em frente da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em comemoração à Festa da Padroeira em 1994.

[...] Ele, Walmir Fonseca, tinha um bom conhecimento musical, que ele veio de lá, Jardim do Seridó – RN, lá essa parte de Banda de música é muito forte, essa cultura de Banda de Música e lá teve uma influência muito forte do pai dele que era Maestro, ele tocou em duas Bandas, na Banda Euterpe Jardinense e na banda da cidade vizinha, Banda de Parelha, que é a Banda 11 de Novembro [...] Valério Amaral, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 2 desta monografia.

No ano de 1991 é marcado para a Banda Filarmônica Santa Cecília com a presença do novo Maestro Walmir Fonseca, que no decorrer dos anos vai trazendo inovações na estrutura como também no repertório. O repertório da Banda como já mencionado nesse trabalho consiste em Hinos, marchas militares, religiosas. Essas marchas que tradicionalmente caracterizam as Bandas de Música permaneceram, mas também deram espaço para que outros estilos fossem

acrescentados. E nesse sentido o Maestro Walmir aos poucos foi acrescentando outros estilos de música, e inovando na harmonização¹⁹ da Banda.

[...] Walmir trouxe essa formação de harmonização pra quem entende de música... assim a Banda Santa Cecília era aquilo, ali toca um dobrado, num tinha uma música popular, um dobrado aqui, uma música de santo ali, sem muita harmonização. Depois Seu Expedito Aguiar chega dando uma inovada e mexendo na divisão dos alunos. [...] Evandro Sandes 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 desta monografia.

A presença de Walmir Fonseca na Banda proporcionou uma mudança que vinha ocorrendo aos poucos com Expedito Aguiar, como mencionado acima, nas figuras anteriores das partituras manuscritas está presente os clássicos e de características das Bandas de música como os dobrados, as marchas religiosas, as marchinhas de carnaval. A mudança ocorreu não só no seu repertório, mas na estrutura da banda quando relacionado a harmonização dos instrumentos, com arranjos um pouco mais complexos, como não era de costume ver no repertório.

Assim a Banda Filarmônica Santa Cecília foi cada vez mais diversificando o seu repertório, com músicas populares, regionais, valsas, boleros entre outras. Os eventos em que a Banda Santa Cecília esteve presente foi cada vez mais sendo diversificada, possibilitando ao maestro a inserção de novas músicas que se adequassem aos instrumentos e soa seus eventos. É com esse intuito que os maestros foram cada vez mais introduzindo novas músicas ao seu repertório.

As tradicionais músicas como: marchas militares, religiosas, valsa, samba, deram também espaço as novas tendências musicais, a música popular brasileira, com grandes nomes deste gênero como: Roberto Carlos, Luiz Gonzaga, Raul Seixas, partitura ilustrada abaixo, entre outros. Desses entre outras músicas foram inseridas no repertório da banda.

¹⁹ O termo Harmonização – o Conceito de “Harmonia” como “teoria da concanetação de acordes” tem sua origem em fins do século XVII e em princípios do século XVIII, quando o “horizontalismo” do contraponto, cada vez mais, cede lugar ao “verticalismo” da emissão simultânea de três, ou mais sons de altura diferente e às leis próprias dos acordes (Ramau), quando o sistema modal é substituído pelo tonal de maior e menor. (KOELLREUTTER, H. J. Harmonia Funcional: Introdução à Teoria das Funções Harmônicas. 3ª Edição. Ricordi Brasileira S.A. 1986.

Figura 9 Cópia Música Popular - Tributo à Raul Seixas - Maestro Walmir Fonseca, 2007.



Fonte: Arquivo Banda Santa Cecília.

A diversificação de estilos musicais foi crescendo ao modo como se passa os anos, as tradicionais marchas permanecem, mas também novas músicas influenciam o repertório da Banda Santa Cecília, exemplo disso é a cópia (figura 9) de Walmir Fonseca do tributo à Raul Seixas, com trechos de músicas como: Medo da Chuva, maluco beleza, entre outras.

Conforme nos relata sua esposa Odete Silva, Walmir “permaneceu como Professor e Maestro na Banda Santa Cecilia em Água Branca de 1991 a 2011, como também na Banda em Delmiro Gouveia- AL, de 15 de janeiro de 2001 a 30 de outubro de 2004”. Nos 20 anos em que o Maestro Walmir Fonseca esteve à frente da Banda Filarmônica Santa Cecília, teve um número de aproximadamente 34 músicos em diferentes idades.

Durante os anos que o Maestro Walmir passou a frente da Banda, ensinou seu ofício de músico aos filhos: Aldryânderson Silva de Souza, Andreyvis Silva de Souza e Andressa Silva de Souza, que adentraram a Banda ainda criança. Interessante e relevante citar neste trabalho que até antes do Maestro Walmir, não existia a presença feminina na Banda Santa Cecília, esse fato é notório nos relatos e nas fotos encontradas.

A participação de sua filha Andressa na Banda Filarmônica Santa Cecília lhe torna pioneira, por ser a primeira menina a fazer parte desse conjunto musical, e ela afirma que:

Ser a primeira mulher a entrar na Banda Santa Cecília não foi muito fácil. Na verdade não por ser a primeira mulher, eu não carregava comigo essa carga, eu só queria fazer parte, estar lá. Ser a primeira mulher foi só um detalhe que naquele momento eu sequer havia notado. Na verdade menina, pois eu tinha apenas 8 anos quando iniciei os estudos. Não foi fácil porque eu não gostava de passar as minhas tardes estudando música, eu era uma criança e adorava ver televisão e desenhos. Quando meu pai - que era o maestro e professor de música na época - me perguntou se eu queria estudar música, foi uma grande alegria que senti no momento. Eu adorava qualquer coisa que envolvesse o meu pai, poder estudar com ele foi como um presente divino. Eu lembro muito bem do momento em que eu disse sim para ele. Com um enorme sorriso nos lábios e me sentindo importante. Mas como nem tudo na vida são flores, logo veio a primeira decepção: passar as tardes estudando música. [...] Andressa Silva, 2018. O relato na íntegra encontra-se transcrito no Apêndice 5 desta monografia.

Com a sua entrada na Banda Santa Cecília no ano de 2000 com 8 anos de idade, ao mesmo tempo que empolgante por estar aprendendo sobre aquele “mundo novo” como ela assim menciona, foi cada vez mais gostando do aprendizado e pegando gosto pela música, passou por todo processo de aprendizado até chegar ao clarinete, instrumento esse destinado a tocar na Banda. Andressa tem guardada em sua memória toda sua trajetória inicial detalhadamente na Banda Filarmônica Santa Cecília. Lembrando até da expressão das pessoas por vê-la tocando pela primeira vez.

Já na fila da procissão, estava mais envergonhada do que nunca. Era surpresa para as pessoas que eu estivesse ali na composição dos músicos e isso fazia as pessoas apontarem para mim, sorrindo. Eu não entendia porque aquela surpresa toda. Não naquele momento. Para a criança que eu era, ser uma menina no meio dos músicos homens não fazia a menor diferença. Eu não coloquei na cabeça que era uma mulher e fazia parte da composição da banda. Na minha cabeça só se passava o fato de estar lá, tocando e sendo mais um integrante. Eu não sentia ansiedade por ser a primeira vez, eu não sentia nervosismo de nenhum tipo por ser a primeira vez. Eu só sentia vergonha, a timidez era quem se manifestava naquele momento. [...] Andressa Silva, 2018. O relato na íntegra encontra-se transcrito no Apêndice 5 desta monografia.

No decorrer dos anos Andressa ia cada vez mais se aprimorando e tendo carinho pela banda, ela menciona ter a Banda, nos 10 anos em que permaneceu, como uma família onde tinha “brigas, as diferenças e o amor uns pelos outros”, precisou sair da Banda em 2010 para morar em outra cidade, e ingressar na Universidade. Ela ressalta a sua saudade desses anos como também a importância da Banda Filarmônica Santa Cecília para a cidade de Água Branca – AL, dizendo que:

[...] Hoje, só me resta saudade dessa história [...] Foram anos dourados, anos de muita descoberta, de muita paixão por aquilo que fazia, e muito crescimento pessoal. Hoje, enxergo esse projeto, como um “case” de sucesso para as pessoas da cidade. É uma forma maravilhosa de engajar crianças e jovens na cultura da música, da responsabilidade pessoal e profissional que pode ser vista [...] Andressa Silva, 2018. O relato na íntegra encontra-se transcrito no Apêndice 5 desta monografia.

Andressa demonstra em seu relato importância de ter feito parte da banda Santa Cecília, assim como esta proporciona ao jovem um caminho de responsabilidades tanto pessoa quanto profissional. Por fim Andressa Silva ressalta que:

A vida em sua tamanha magnitude muitas vezes nos leva a caminhos distintos daqueles pelos quais sonhamos um dia. Assim ocorreu comigo. Eu fui a criança sonhadora. Sonhava em trilhar os caminhos da música, crescer naquele cenário e um dia ser a maestrina daquela banda. Não tive esta oportunidade, outras vieram e as agarrei. Os tempos passaram e outras paixões foram surgindo em minha vida. A música e aquele sonho de criança foram se tornando esquecidos, adormecidos. Hoje, a banda Santa Cecília é apenas mais uma maravilhosa lembrança. Aquela lembrança que nos arranca sorrisos involuntários, sinceros e em sua forma mais bela. [...] Andressa Silva, 2018. O relato na íntegra encontra-se transcrito no Apêndice 5 desta monografia.

O relato de experiência de Andressa Silva nos mostra a sua dedicação e o seu carinho pela banda, pois nos anos em que se fez presente pôde assim construir amizades, como se fossem pessoas da família, mesmo com as diferenças que é comum em qualquer contexto social. Com belas palavras a mesma narra sua trajetória e como essa experiência foi importante para a sua vida.

A participação de Andressa na Banda Filarmônica Santa Cecília proporcionou que outras garotas também adentrassem e mudasse esse perfil da Banda, mesmo que inconscientemente, pois outras garotas entraram proporcionando assim a mudança desse cenário que outrora era somente masculino. Atualmente a Banda Filarmônica Santa Cecília conta com a presença de 8 musicistas do sexo feminino, que variam numa faixa etária de 19 à 27 anos de idade.

Figura 10 Homenagem do Dia Internacional da Mulher, Olho D'Água das Flores-AL.



Fonte: Foto do Acervo Pessoal do Maestro Valério Amaral, 08/03/2018.

Mesmo com uma porcentagem maior de músicos do sexo masculino, a Banda Filarmônica hoje apresenta um número significativo de garotas atuantes na banda como as que ainda estão por vir. A figura 10 foi registrada em uma apresentação na cidade de Olho D'Água Das Flores no dia Internacional da Mulher.

A Banda Filarmônica Santa Cecília passou por mudanças ao longo dos anos, seja elas em repertório, em seus maestros, na composição dos seus musicistas, essas mudanças também ocorreram na forma de remuneração dos músicos em suas apresentações.

A remuneração dos músicos da Banda Filarmônica Santa Cecília por muito tempo era de uma forma incerta e recebiam de acordo com as apresentações em que a prefeitura municipal contratava. Como diz Manoel Teodoro Filho:

Não recebia salário, Não tinha nada. Nós tocava assim de boa vontade e esperava um contrato só da prefeitura. Os instrumentos eram da prefeitura, agora a Banda era particular assim, pelo contrato os músicos se juntava e fazia aquela bandinha, [...] a prefeitura pagava a maioria das tocadás, através do contratozinho, mas sempre chamando a Banda Santa Cecília [...] Manoel Teodoro Filho, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta monografia.

Quanto a remuneração dos músicos da banda se dava através de um contrato acertado pela prefeitura municipal que acertava os custos com os músicos, como pudemos perceber no relato do Senhor Manoel Teodoro Filho.

Esse aspecto de remuneração da Banda também demonstra algumas mudanças ao decorrer dos anos, a Prefeitura Municipal responsável desde a manutenção da Banda até a questão de remuneração dos músicos. Neste quesito Valério Amaral diz que:

[...] Antigamente não tinha um valor exato não, era pouco só uma ajuda de custo, que eu lembro que a gente ia receber na prefeitura, assinava uma folha e recebia em dinheiro, em espécie. Aí na época, o então prefeito Reinaldo

Falcão, quando assumiu, criou uma lei que criou a Banda e criou a remuneração de 1/3 do salário contendo 40 bolsas de incentivo. Valério Amaral, 2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 2 desta monografia.

Essa característica permeou a Banda por muitos anos, só em 2005 na gestão do Prefeito Reinaldo Falcão que através do projeto de criação da Lei Municipal de nº499/05, de 10 de outubro de 2005, A Banda Filarmônica Santa Cecília é composta por o cargo de Comissão de Maestro e 40 bolsas de incentivo destinadas aos membros da Banda Santa Cecília, no valor de 1/3 do Salário mínimo, (FEITOSA, 2014 p. 59).

Hoje graças a essa regulamentação da Lei de Criação da Banda, proporciona além do aprendizado à música como também um incentivo aos jovens e adultos que a compõem para a sua permanência na Banda.

Todas essas mudanças ainda contavam com a presença do Maestro Walmir Fonseca a frente da Banda, contando também com o auxílio Valério Amaral que exercia função de Contramestre, cargo adquirido através do concurso público em 1998, se tornando o responsável pela escolinha, pegando lição dos músicos. O maestro Walmir Fonseca veio a falecer em 11 de novembro de 2011, permanecendo à frente da Banda Filarmônica Santa Cecília, 20 anos. Deixando sua marca na história da Banda.

Com o falecimento do Maestro Walmir em 2011, Valério Amaral, conhecido popularmente como Leleu, assumiu a posição de Maestro da Banda Santa Cecília. A sua vivência com a música e na Banda começou desde muito cedo 1987 onde iniciou os estudos das lições mas precisou parar, retornando em 1989 aos 14 anos de idade, ao passar dos anos em que esteve na Banda Santa Cecília como músico passou pelos Maestros Expedito Aguiar, Seu Zequinha e Walmir Fonseca, tocou instrumentos como: Clarinete, sax alto e no período em que o Maestro Walmir estava a frente começou a tocar Sax tenor, instrumento esse que tem muita paixão.

Em 1998 quando passou no concurso público, assumiu a posição de Contramestre, onde auxiliava o Maestro Walmir, mais tarde ficou responsável pelo ensino dos novos alunos que tinha interesse a adentrar a Banda Filarmônica. Chegou a ficar a frente da Banda substituindo o Maestro Walmir que por motivos de saúde precisava se ausentar.

No ano de 2012, Leleu começa a especializar-se na área de regência, fazendo especialização no Estado do Rio Grande do Norte, na Fundação José Augusto, para se aperfeiçoar em instrumentação e arranjo. Em 2013 faz curso de regência com Maestro Dário Sotelo, Diretor do Conservatório de Música do Estado de Sergipe. Neste Curso pode aprimorar

seu conhecimento sobre regência, as técnicas de ensaio, prática de ensaio. Tudo isso para melhor desempenhar um bom trabalho como Maestro da Banda Santa Cecília. Filiado à Ordem dos Músicos do Brasil. Recebeu convite e está como Delegado da Federação de Música do Estado de Alagoas (FEBAMFAL).

Ao assumir a posição de Maestro da Banda Filarmônica Santa Cecilia, o Maestro Valério contou com 24 músicos após o falecimento do Maestro Walmir. Assim Leleu, iniciou o trabalho de reestruturação da Banda. Com o funcionamento da escolinha que tem como objetivo ensinar os primeiros passos da música, para assim proporcionar aos alunos a entrada na Banda Filarmônica Santa Cecília, novos músicos adolescentes entraram, dentre eles também adentraram à banda sob influência do pai, os seus respectivos filhos Gabriel, Arthur e posteriormente e mais novo membro da Banda Oscar. Atualmente o número de músicos atuantes na Banda é de 34 músicos, tendo a possibilidade de aumento pois há alunos da escolinha que estão aptos a entrar na Banda Filarmônica Santa Cecilia.

Desde que Valério Amaral se torna maestro da Banda Santa Cecilia, após o falecimento de Walmir Fonseca, a partir de 2012, o Maestro Leleu, se dedica a manter como também trabalha na inovação da banda, desde seu repertório até na própria conjuntura da banda, neste sentido desde lá a banda se mantém nas tradicionais apresentações, mas abrangendo um novo público, nesse momento também se adquire um novo estilo nas apresentações, foi procurado desenvolver pelo Maestro Valério, não só com aquelas características de formação militar mas também numa organização similar das orquestras sinfônicas para assim melhor desenvolver as novas músicas que chegavam ao repertório da Santa Cecília. O decorrer dos anos a partir de 2012 é marcada com mudanças como já foram mencionadas, mas veremos mais algumas contribuições logo abaixo no próximo tópico deste trabalho.

5.1 Informações Recentes da Banda Filarmônica Santa Cecília

A Banda Filarmônica Santa Cecília no ápice dos seus 95 anos como assim é registrada pela Lei Municipal 499/05, com um total de 34 componentes numa faixa etária de 13 aos 43 anos de idade, continua a desenvolver seus trabalhos musicais, muita das características de anos anteriores são mantidas, porém com influências e parcerias a Banda passou algumas mudanças significativas. Com a sua Sede localizada na Rua Osman Loureiro S/N no centro da cidade de Água Branca, a Banda realiza seus ensaios semanalmente com o intuito de sempre estar melhorando a desenvoltura de seus músicos, na sede também são realizados o ensino com o atual Maestro Valério para os iniciantes que pretendem adentrar a Banda Filarmônica Santa

Cecília. O repertório como já mencionado neste trabalho, sofreu algumas mudanças, se adaptando ao público, aos eventos e as tendências que lhe rodeia. O Maestro Valério, atual regente da Banda Santa Cecília continua trabalhando na inovação de um repertório eclético, com músicas populares, internacionais, mas também mantem a essência das Bandas de música, os dobrados, os hinos, cantos religiosos.

Figura 11 Cópia da partitura da música Zé Ramalho, setembro 2012

Clarinet in Bb 1

SELEÇÃO DE ZÉ RAMALHO

ZÉ RAMALHO

$\text{♩} = 100$

mf mp f

A

mf

f

B

Allegro

f

mf

C

mf

mf

Setembro - 2012

Fonte: Acervo Banda Santa Cecília

A inovação do repertório foi uma mudança aparente na banda Santa Cecília como demonstra a figura 11 (a figura acima é composta por três páginas, mas neste trabalho está ilustrada a primeira página destinada ao instrumento clarinete) ao se tratar de um medley de Zé Ramalho, um ícone da música popular brasileira, essa está entre as principais músicas executadas nas apresentações da banda.

Relevante ressaltar a oportunidade que Banda Filarmônica Santa Cecília teve nos anos de 2016 e 2017, que através da parceria do SESC e da FEBAMFAL possibilitaram aos músicos uma capacitação com professores qualificados nas áreas de instrumentos como: Clarinete, Sax,

Trompete, Trombone, Percussão, como também oficinas de Luthier²⁰, Regência, Arranjo. Essa oportunidade marcou não só os músicos da Banda Santa Cecília, mas sim marca a trajetória da Banda, com uma formação aos músicos para melhor desenvolverem seus trabalhos, pois até então a Banda não teve a oportunidade dessa significância para seus músicos.

Figura 12 Banda Santa Cecília com Professores do Curso realizado pelo SESC, 2016.



Fonte: Foto José Luan Veiga

As capacitações oferecidas para a Banda Santa Cecília trouxeram inovações e muito conhecimento, pois o ensino para iniciar a tocar na banda é somente o básico. O processo de ensino musical se inicia através de lições, tratando-se da parte teórica, que em sua entrevista o Maestro Valério fala que mais utiliza o método Bona²¹ para ensinar aos músicos, em seguida

²⁰ Luthier é o profissional que trabalha com a construção e a manutenção de instrumentos musicais. A palavra “luthier” tem sua origem francesa, derivada de “luth”, que significa “alaúde”, um instrumento de corda antigo e precursor do atual violão. Originalmente, a luteria era definida como a arte que trabalha com instrumentos de corda, como o violão, o violino ou baixo, mas atualmente refere-se a todos os profissionais que trabalham com instrumentos musicais, seja de corda, sopro ou percussão. O luthier é responsável por fabricar, reparar e afinar instrumentos, portanto deve conhecer bem cada um deles, entender de música, da sua história e, principalmente as necessidades específicas de cada instrumento. (Disponível em <https://www.lojatoolbras.com.br/blog/a-profissao-luthier-e-as-ferramentas-necessarias/> acessado em 18/10/2018 às 13:33 hrs)

²¹ “**Pasquale Bona** foi um compositor e teórico musical italiano. Foi professor de Amilcare Ponchielli, Arrigo Boito, e Franco e Alfredo Catalani. Foi amigo de Alessandro Manzoni, cuja música é coro de Adelchi na morte de Ermengarde *Sparse le treccie morbide* nas três composições dedicadas à comunhão. (*Si, tu scendi ancor dal cielo, Ostia umil!* – *Sangue innocente, Sei mio, con Te respiro*). Escreveu diversas óperas, bem como sinfonias, música de câmara, canções de música sacra, peças para piano, cravo, violino e violoncelo.

Hoje, Pasquale Bona é lembrado especialmente nos métodos de ensino de leitura musical e numerosas coleções de solfejo. Seu método global de divisão (ainda em uso hoje na preparação para a leitura da música) educou gerações de estudantes para a correta leitura da música e para os conceitos que formam a base da teoria musical. (Disponível em <http://bibliotecamilitar.com.br/bona-metodo-completo-para-divisao-musical/> acessado em 18/10/2018 às 13:16 hrs)

os alunos iniciam o processo de contato com o instrumento, até o momento em que o maestro veja que o aluno está apto a familiarizar-se com a Banda.

Dessa forma as capacitações oferecidas pelo SESC e FEBAMFAL foram de extrema importância para aprimoramento dos músicos, tanto teoricamente como para melhorar a conduta do músico em relação a postura, forma correta de respiração ao tocar, dentre outras contribuições, principalmente no aspecto da Banda, trabalho em conjunto, melhor observação na regência. A experiência com outros músicos e profissionais melhoraram toda a desenvoltura na Banda Santa Cecília, muitas das características ainda são mantidas, fato esse já mencionado inicialmente, como as apresentações em eventos religiosos, cívicos, seus dobrados- marchas que não podem deixar de estar presente em seu repertório, pela sua herança das Bandas Militares.

Figura 13 Banda Filarmônica Santa Cecília- Água Branca - AL, 24 de Abril 2018.



Fonte : Foto: Acervo de Diego Reis

A Banda Filarmônica Santa Cecília da cidade de Água Branca – AL, está presente nas diversas festividades da cidade seja ela cívica: 24 de Abril, Emancipação de Água Branca – AL, 7 de Setembro, Independência do Brasil; religiosa: Corpus Christ, novenário de Nossa Senhora da Conceição, evento esse onde a Banda está presente tocando as 11 noites da novena, dentre outros. Em funerais a Banda também já esteve presente, quando se é solicitada a presença ou até mesmo para homenagear os companheiros músicos que chegaram a falecer. A Banda ainda se faz presente em diversas localidades em que recebe convite, importante enfatizar que a Banda Filarmônica pertence à Prefeitura Municipal e o seu despacho se dá através de uma solicitação em ofício na Secretaria de Cultura, assim ela se faz presente em

várias localidades fora do município de Água Branca, como: Delmiro Gouveia, Piranhas, Paulo Afonso – BA, Olho D’agua das Flores, Cabrobó – PE, Tacaratu – PE, dentre outros.

Conforme tudo que foi visto e mencionado a respeito da Banda Filarmônica Santa Cecília ela vem ao longo dos 95 anos desenvolvendo um importante trabalho musical, social e cultural, pois, vem cada vez mais inserindo criança, jovens e adultos num mesmo intuito de levar a música para os mais diferentes lugares. Mesmo que não seja um trabalho fácil pois a manutenção da Banda com instrumentos e utensílios para manutenção dos respectivos instrumentos seja de um valor significativo que as vezes dificulta que se consiga esses apetrechos, alguns dos instrumentos que hoje alguns músicos tocam são pessoais, pois a prefeitura tem outras demandas que não pode assim arcar com total despesas de instrumentos para todos os músicos. Mas cabe aqui ressaltar a entrada da prefeitura com os custos com fardamentos, alguns dos utensílios utilizados para manutenção do instrumento, como: óleo de lubrificação, palhetas.

Com toda essa trajetória que a Banda Filarmônica Santa Cecília de Água Branca - Alagoas vem percorrendo a mesma se destaca pelo seu trabalho musical, foi ao longo desses anos se firmando e crescendo, espalhando cada vez mais suas ondas sonoras por onde passa, não deixando para traz sua essência e carregando consigo a história daqueles que um dia já fizeram parte desta Banda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho de conclusão de curso foi proposto estudar a trajetória da Banda Filarmônica Santa Cecília. A inquietação e a motivação principal para a realização desse trabalho se deu através da experiência pessoal que vieram a partir da inserção neste conjunto musical. Dessa forma a discussão se dá especificamente através do caráter histórico, ressaltando a trajetória da Banda Santa Cecília, associada a cultura da cidade de Água Branca – AL.

A partir disso princípio procuramos conceituar as principais concepções de Bandas de Música, já que este é um fato que por muitas há uma dificuldade de padroniza-las, neste sentido conceituamos as Bandas de músicas para compreender melhor em que se insere a Banda aqui estudada.

Sendo uma pesquisa que se materializa advinda de métodos qualitativos, com observação/participante na Banda Filarmônica Santa Cecília, e quantitativos, com um questionário e uma entrevista direcionada, além dos registros históricos, conforme é salientado e exposto, foi possível compreender a relevância das bandas filarmônicas para a formação dos músicos profissionais.

Este estudo possibilitou assim: fazer uma comparação entre as gerações de indivíduos que em algum momento tiveram contato com a “música”, especificamente a participação na Banda Santa Cecília, percebemos que mesmo desligados diretamente da participação, a maioria permanece ligado a estas instituições. Sendo importante salientar aqui o investimento financeiro, nomeado como bolsa de incentivo, que é relevante para a permanência dos profissionais, e possibilitado pela Prefeitura Municipal de Água Branca, viabilizando o incentivo de modo mais assertivo os jovens a estarem inseridos em um “ofício” e assim retirá-los dos indicativos de criminalidade e inserção no ócio social.

Através deste trabalho ainda, foi possível entender o funcionamento, como se inclui na comunidade e perceber qual a influência destas instituições para a formação pessoal e social dos indivíduos, para além da formação musical que é ofertada gratuitamente, do empréstimo, também gratuito, de instrumentos musicais e a possibilidade de auxílio financeiro.

Esta investigação evidenciou que as bandas filarmônicas são instituições de muita relevância e impacto para a formação de músicos profissionais, mas também para a formação do ser humano enquanto membro de uma sociedade, o que sinaliza também e insere o músico não profissional.

Referente a contribuição mútua, as mesmas viabilizam a harmonização social, a permanência da memória local e musical da comunidade em que se inserem, como pude

constatar no trabalho de campo e experiência tácita realizada na Banda Filarmônica Santa Cecília.

Não obstante as inúmeras diferenças entre o modo de ensinar e aprender nas bandas filarmônicas, pudemos verificar com este estudo, o valor significativo das mesmas na sociedade em que estão inseridas, tendo em vista que as bandas incentivam os seus musicistas a estarem tanto em ensino musical quanto inseridos na carreira em si, já que através deste ensino e da “vivência” desenvolvem-se musicalmente e trazem consigo a sua aprendizagem para além dos espaços institucionais.

Nos permitindo concluir que as bandas filarmônicas e especificamente neste contexto da cidade de Água Branca -AL a Banda Santa Cecília, está ali como um agente de conservação e propagação da cultura e da memória da própria cidade, seus costumes e sua identidade.

REFERÊNCIAS

- A Profissão Luthier E As Ferramentas Necessárias. Disponível em <https://www.lojatoolbras.com.br/blog/a-profissao-luthier-e-as-ferramentas-necessarias/> acessado em 18 de outubro 2018 às 13:33 hrs.
- BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico** / José D'Assunção Barros. 7. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CALADO, S.dos S; Ferreira, S.C dos R. **Análise de documentos: método de recolha e análise de dados**. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>
- CARVALHO, Delmar Domingos de. **Ensaio sobre a História das Bandas Filarmônicas**. Artigos Meloteca 2009.
- CARVALHO, Vinicius Mariano de. **História e Tradição da Música Militar**. Versão pdf.
- CAZAES, Melira Elen Mascarenhas. **Minerva cachoeirana: um estudo histórico sobre a filarmônica da cidade de cachoeira (1964-1969)**. Artigo científico apresentado no 3º Encontro Baiano de Estudos em Cultura. Versão pdf.
- COSTA, Manuela Areias. **Música E História: Um Estudo Sobre As Bandas De Música Cívica E Suas Apropriações Militares**. Tempos Históricos • volume 15 • 1º semestre de 2011 • p. 240-260
- COSTA, Manuela Areias. **Notas Sociais: As Práticas Da Banda Da Sociedade Musical São Caetano (1890-1930)**. Mariana. Instituto de Ciências Humanas e Sociais – UFOP.2010. 93f. (Monografia em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2010.
- COSTA, Manuela Areias. **Vivas à República: Representações da banda “União XV de novembro” em Mariana MG (1901-1930)** / Manuela Areias Costa. 2012. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.
- DEL-MASSO, COTTA E SANTOS. **Ética em Pesquisa Científica: conceitos e finalidades**. Unesp; NEAD; Redefor II. 2014. Disponível em: http://www.acervodigital.unesp.br/handle/unesp/155306?locale=pt_BR .Acesso em: 20 de outubro de 2018.
- FEITOSA, Edvaldo de Araújo. **Água Branca: história e memória** / Edvaldo de Araújo Feitosa. – Maceió: EDUFAL, 2014.
- FILHO, Renan: **O Papel das Bandas de Música no contexto Social, Educacional e Artístico, Recife, Caldeira Cultura Brasileira**. (2010)

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda. São Paulo, SP, Brasil, 1990.

KOELLREUTTER, H. J. **Harmonia Funcional: Introdução à Teoria das Funções Harmônicas**. 3ª Edição. Ricordi Brasileira S.A. São Paulo, 1986.

LARAIA, Roque de Barros, 1932- L331c **Cultura: um conceito antropológico** / Roque de Barros Laraia. – 23. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LE GOFF, Jacques, 1924 **História e Memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, Ronaldo Ferreira de. **Bandas de música, escola de vida**/ Ronaldo Ferreira de Lima. – Natal, 2005.

LUCENA, Wilson José Lisboa. **Tocando amor e tradição : a banda de música em Alagoas** / Wilson José Lisboa Lucena. – Maceió : Editora Viva, 2016 v.1

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 7. ed. – 5. Rimpr. – São Paulo : Atlas, 2011

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar** / José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. – 2. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2011.

Método Bona. Disponível em <http://bibliotecamilitar.com.br/bona-metodo-completo-para-divisao-musical/> acessado em 18 de outubro de 2018 às 13:20 hrs.

MOREIRA, Marcos dos Santos. **Aspectos Históricos, sociais e Pedagógicos nas Filarmônicas do Divino e Nossa Senhora da Conceição, do Estado de Sergipe**. Dissertação ao Título de Mestre em Música área em Educação Musical. UFBA. 2007.

SCHNEIDER, Alexandre da Silva. **Sociedade Musical Amor À Arte: Um Estudo Histórico Sobre A Atuação de uma Banda em Florianópolis na Primeira República**. Florianópolis, SC. 2011

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Lélío Eduardo Alves da. **AS BANDAS DE MÚSICA E SEUS “MESTRES”**. Cadernos do Colóquio. 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Entrevista de nº 01

Entrevistado: Manoel Teodoro Filho

Data: 21.05.2018

EM QUE ANO COMEÇOU A TOCAR NA TOCAR NA BANDA?

Comecei a tocar em 1955, com 15 anos, toquei 35 anos, comecei no prato, depois “riquinta” depois fui pra o trombone nisso ai fiquei até completar os 35 anos.

Achei bonito, meu pai, aprendi um pouco com meu pai, depois o maestro Zequinha depois Zé Gonzaga assumiu, aí toquei alguns anos com ele, ele faleceu daí Zequinha continuou. Meu pai tocava “clarinete”, ele começou primeiro do que eu, com outros maestros.

COMO APRENDEU A TOCAR NA BANDA?

Aprendi com ele (o pai) e a outra parte com Zé Gonzaga, através de lição. Eu peguei uma lição somente de Zé Gonzaga. Meu pai terminou me ensinando e eu aprendi só na prática estudando nos álbuns daí aprendi um pouco.

COMO ERAM ESSES ÁLBUNS?

Esses álbuns vinham para o correio quando comecei a tocar no carnaval ai vinha os álbuns pra os correios e ai o Maestro dava a gente e a gente tocava e então os dobrados que tinha arquivado antigo, ai entregava a gente solfejava e tal e ai decorava.

QUAIS OS DOBRADOS ERAM MAIS EXECUTADOS?

[..] Mais executava era Capitão “Casula” e Saudade de minha terra, Duzentos e Vinte e outros era Saturnino Souza que era dobrado antigo, Firmino Marques Correia. Tocava samba, tocava umas marchinhas de carnaval.

EM RELACAO A COMPOSIÇÃO DA BANDA NESSA EPOCA, QUANTOS MUSICOS FAZIAM PARTE?

Aqui da cidade só era 8 músicos, todos daqui, agora a gente ia tocar na época da festa tinha uns 4 rapaz de Delmiro que eram músicos mas não tavam na ativa, vinham pra ajudar também ai formava 12, 15 músicos assim. Zé Cezário, tinha Hortêncio que era irmão e Valdenor. Primeiro, Eu, o meu pai, o meu primo neguinho que se chamava Manoel, que tocava prato, Ze Reis, Ze pernambuco, ze Raimundo, cirço Souza, Franculino e Seu Zequinha e Lapidado. So tem Eu, Zé Pernambuco e tem Manoel de iaia, e lapidado mora no boqueirao, tocava bumbo, tem mais de 80 anos, ele já era rapaz quando entrei.

NESSE TEMPO QUE ESTAVA NA BANDA QUEM ERA O MAESTRO?

Zé Gonzaga. Ele morava em São Paulo, já era músico, aí quando ele voltou aí cederam a vaga pra ele. Que antes músico aí ele foi embora, quando voltou era Maestro e bom Maestro, achava q ele “compositava” as músicas assim sabe?!, fazia as partituras, escrevia e dividia muito bem, tocava instrumento era contrabaixo, piston, trombone e tocava tudo isso aí.

ENQUANTO ESTEVE NA BANDA QUAIS OS MAESTROS ESTAVAM A FRENTE?

Primeiro Zequinha, logo no início esse Ze Gonzaga aí quando ele morreu, nos anos que ele morreu aí Voltou Zequinha novamente, aí terminei com Zequinha.

Zé Gonzaga passou pouco tempo, 5 anos aí depois Zequinha continuou de novo. Ouvei uns de Paulo Afonso- BA. Com Maestro Walmir, toquei assim sem compromisso so pra se apresentar toquei uma vez com ele numa procissão somente, que ele me convidou, ele já estava a frente da Banda.

QUAIS TOCADAS A BANDA ESTAVA PRESENTE?

Olhe, aqui era principalmente na festa da Padroeira, começava na véspera até o dia da festa e então quando tinha festa no Pariconha, a gente ia tocar na festa de la, a prefeitura contratava a gente pra ir, na festa do boqueirao, a gente ia na festa do alto dos coelhos, festa no tingui, de Caraíberas do Teodozio, que era município de Pariconha também, aí tinha contratos particulares em época de São Pedro era Santa Brígida, aí fomos uma vez pra Juazeiro do “Padi cirço” chamado pelo pessoal de Santa Brígida. Na mata grande na procissão a gente ia também tocar lá.

A BANDA RECEBIA ALGUM INCENTIVO FINANCEIRO?

Não, a gente não recebia salário, não tinha nada. Nos tocava assim de boa vontade e esperava um contrato so da prefeitura. Os instrumentos era da prefeitura, agira a banda era particular assim pelo contrato os músicos se juntava e fazia aquela bandinha.... a prefeitura pagava a maioria das tocadadas era pago pela prefeitura, através do “contratozinho”, mas sempre chamando a Banda Santa Cecilia.

SABE ALGUMA INFORMAÇÃO A RESPEITO DA CRIAÇÃO DA BANDA, Q TEM COMO DATA DE FUNDAÇÃO 22 DE NOVEMBRO DE 1922?

O meu pai falava eu ele ainda tocou com esse José Hemiliano, o Manoel Teodoro, ele tocou na época de Jose Hemiliano e aí ele contava a gente que este maestro foi quem começou, aí depois passou pra o Enoque Marques, Miguel Baião, aí depois desses 3 maestros aí, a banda deu uma parada, não houve mais maestro, num apareceu mais maestro e aí parou por aí e depois foi que começou com o seu Zequinha. Mas esses três pra trás eu não fiz parte, meu pau ainda tocou, meu sogro... não lembro de ver a banda tocando.

MIGUEL BAIÃO, ENOQUE MARQUES ERAM DAQUI?

São todos daqui, o Miguel Baião era desse povo ali do jardim ali, de sua avó, foi por ali que ouvia falar somente, mas não conheci nenhum retrato nem nada disso.

APÊNDICE 2 – Entrevista de nº 02

Entrevistado: Valério Amaral

Data da entrevista: 23.05.2018

EM QUE ANO ENTROU NA BANDA?

Primeiramente eu entrei em 1987, com Maestro Zequinha, ai só tive um começo, peguei as primeiras lições e tive que sair por causa da escola e eu também tinha outra ocupação na época... ai retornei em 89 com 14 anos, logo após o carnaval, com o maestro Expedito Aguiar... peguei lições e quando foi no dia 7 de setembro de 1989, foi minha primeira apresentação. Foi quando na frente da Igreja que antigamente nós hasteávamos os pavilhões era aqui na pracinha. [...]

QUAL A MOTIVAÇÃO PARA ENTRAR NA BANDA?

Ahhh! Eu sempre gostei achava muito bonito, eu desde pequeno quando eu morava ali na frente da prefeitura, toda vez que a banda vinha tocar a matina, eu fugia de casa, eu criança pra vim e minha mãe veio umas duas vezes, já sabia que eu tava aqui... eu corria pra ver a banda tocar e toda vida achei muito bonito. E assim a pessoa que eu me inspirei na época foi um... senhor que inclusive, ele ainda é vivo e inclusive ele ganhou uma homenagem esses dias o "Peri" ele é daqui de Paulo Afonso- BA, ele tem 90 e poucos anos, que ele foi quem me inspirou a tocar saxofone, muito do que eu sei foi ele quem me ensinou.... e eu na verdade me inspirei nele, tudo o que ele fazia até hoje muita coisa noto que é espelhado na pessoa dele.

ONDE VOCE VIA O "PERI" TOCAR?

Aqui, eles vinham tocar aqui, na época com Expedito Aguiar, que eles tocavam na Banda da CHESF, aí sempre, o Expedito Aguiar trazia eles pra reforçar que aqui na época ficou... Que a Banda aqui na verdade ela tem 95 anos, mas passou por um período que quase acabou, justamente na década de 80, entre os anos de 85 e 84 à 87 que nessa a banda ficou com poucos músicos e pra poder tocar tinha que vim músicos de fora: Delmiro, Paulo Afonso, inclusive ate nessa época quem veio tocar, fazer a festa foi a banda de Pão de Açúcar... ai quem reativou a banda foi maestro Zequinha, pegou uma turma de rapazes e fez outra turma e dai a gente pegamos o gosto e não deixamos a peteca cair.

[...] inclusive na banda de Pão de Açúcar, o maestro daquela música que estamos ensaiando... Petrúcio Ramos, ele na época vinha com a banda aqui e via muito ele tocando, tocava trompete muito bem, ele é militar da Aeronáutica, e tudo isso a via e pegava gosto.

COMO APRENDEU MÚSICA? QUAL O MÉTODO?

Na época com expedito Aguiar ele não utilizava um método, a gente ia lá e ele passava as lições de cabeça mesmo.... ia passando aquelas lições ali e na época graças a Deus eu tive uma boa assim, devido gostar muito eu tive uma... ele abreviou as minhas lições em poucas lições eu já tava com instrumento, um dia ele me viu tocando clarineta la, ai me chamou pra tocar na frente

dele e pronto dai por diante eu já não peguei mais lição, só que eu nunca deixei de estudar né?! Sempre me aprofundei com outros metodos, estudei pelo ABC Musical, estudei o Bona, estudei o Maria Priolli, Maria Luiza priolli é hoje melhor metodo que existe para iniciantes, todos os músicos da polícia, do exército, todos eles utilizam esse método, inclusive muito do que eu utilizo hoje com os meninos aqui. A gente utiliza o Bona, mas eu pego muito do Maria Priolli. Naquele tempo eles não tinham uma forma assim, uma forma pedagógica de ensinar, eles iam ensinando de cabeça, assim... como eu sempre falo muito do que eu aprendi, a a gente aprendia mais fora da sede do que lá dentro, as vezes, em conversa, um macete do instrumento, maia fora da sede do que lá dentro mesmo. Por que eles não tiveram uma formação assim acadêmica da parte musical.

QUAIS INSTRUMENTOS TOCOU?

Eu comecei tocando a clarineta de 13 chaves, ai depois passei pra o sax alto, ai foi na época que o Maestro Walmir Fonseca chegou aqui e comecei a tocar o sax tenor, que na verdade é meu instrumento de paixão é o sax tenor e comecei a tocar trombone de vara, já tava tocando trombone de vara mas devido um acidente, eu quebrei os dentes aqui na frente, ai não consegui mais tocar instrumento de bocal, mas o meu instrumento mesmo é o sax tenor.

DURANTE OS ANOS ENQUANTO MÚSICO, QUAIS OS MAESTROS ESTIVERAM A FRENTE?

Entrei com 14 anos, na época era Expedito Aguiar de Paulo Afonso- BA... Passe ainda por uma parte com Seu Zequinha, aí logo após foi Expedito Aguiar e Walmir Fonseca. Passei por esses maestros... Agora estudei fora com outros Maestros, pra me aprofundar mais essa parte da regência.

SABERIA DIZER SE OS MAESTROS QUE PASSARAM PELA BANDA TINHAM UMA FORMAÇÃO?

No caso de Seu Zequinha, a profissão dele era alfaiate, é porque naquela época, ele na verdade Seu Zequinha não era de Água Branca, era de Pão de Açúcar... naquela época toda criança quando ia aprender música, tinha que aprender uma profissão, geralmente os músicos lá de Pão de Açúcar era alfaiataria, foi no caso de seu Zequinha, ele entrou pra aprender o ofício de alfaiate também como aqui é diferente aqui era sapataria, que era os sapateiros, pode ver que quase todos os músicos daqui velho, eles eram sapateiros... é. Eles tinham isso né? Ai no caso de seu zequinha ele era alfaiate, e aqui também ele trabalhava na época como leiturista, tirando leitura do, que na época nem era CEAL, era outro nome diferente, e logo após ele não quis ,ais ficar, por causa da idade, problema de saúde, aí já foi quando o Expedito Aguiar assumiu a banda aqui , e Expedito Aguiar era funcionário da CHESF, ele era maestro da banda da CHESF, e quando deixou a banda lá , assumiu a banda aqui...isso em meados de 88 e 1990, logo após a festa aqui, ele entregou a banda, ele não quis mais, por causa da saúde e ele tinha que se deslocar pra Paulo Afonso aí foi nós passamos uma época sem maestro aqui, inclusive nessa época a banda ficou desorganizada... e em junho de 1991 Walmir chegou por aqui, justamente ele passou 20 anos, ele chegou em junho de 91 e faleceu em novembro de 2011, Walmir não tinha

a formação dele, ele não tinha formação acadêmica em música também, ele aprendeu também assim em banda de música, só que ele tinha um bom conhecimento musical, que ele veio lá da terra dele da lá de onde ele veio que é Jardim do Seridó do Rio Grande do Norte, lá essa parte de banda de música lá é muito forte, essa cultura de banda de música, lá ele teve uma influência muito forte, o pai dele era maestro, ele tocou em duas banda, na Banda Neoterpe Jardinense e na banda da cidade vizinha que a banda parrelha, que é a Banda 11 de fevereiro[....]

OS MAESTROS VINHAM PARA A BANDA? ERA POR INDICAÇÃO?

[...] foi, é porque na verdade na época Seu Zequinha, o maestro era o José Marques Correia que o que a gente chama de... Zé Gonzaga ele era o Maestro aqui, logo após o falecimento de ele aí o Seu Zequinha era uma espécie de um contra-mestre e quando ele faleceu (Zé Gonzaga), o Seu Zequinha assumiu a banda e ficou durante esse tempo, como se fosse uma espécie de um maestro, o representante da Banda ele era, aí foi na época que o então prefeito Antônio Grilo, chamou ele pra ser[...] reestruturar a banda, ai sim ele ficou como maestro, ai tinha patente de Maestro e tudo, mas tudo por indicação que na verdade, o maestro é mais um titulo por indicação é por que muita gente confunde o maestro com regente, nem todo maestro é regente. O regente é o maestro, mas nem todo maestro é regente. O maestro de uma banda pode ser um percussionista, pode ser um trompetista, num quer dizer não, no caso desses tres maestros todos por indicação, no caso de Walmir ele veio do Rio Grande do Norte, tava em Paulo Afonso, na época ele tava desempregado ai foi justamente na época que o então o Expedito Aguiar indicou ele para vim pra cá, ai ele veio e assumiu a banda aqui e Expedito aguiar chamaram ele por que ele já era maestro da banda do... da banda da CHESF.

OS MÚSICOS QUE FAZIAM PARTE DA BANDA, ERA TODOS DA CIDADE DE ÁGUA BRANCA?.

A grande maioria era daqui de dentro da cidade mas tinha moradores da zona rural também, tinha Gilberto que era da Serra da Onça,... tinha Clóvis também que era da Olaria, tinha esses dois de fora que eu lembro... tinha um rapaz também Gil que ele morreu de um acidente também na Maria Bode que ele era da Maria bode, é então o restante era todos daqui.

DE OUTRAS CIDADES? DELMIRO, PAULO AFONSO?

Eu não conheço do meu tempo e um bom tempo de quando eu me entendo até hoje não lembro nenhum músico de fora tocando aqui. A não ser no tempo de Seu zequinha que as vezes vinha: Zé Cesário, vinham.... eram irmãos Cezários ai eles vinham mas do meu tempo que aprenderam aqui mesmo nunca reforçou essa banda não.

EM RELAÇÃO A QUANTIDADE DE MÚSICOS, NESSE PERÍODO EM QUE VOCÊ ESTEVE COMO MÚSICO?

Na época a banda era 12 músicos, [...] eu tenho fotos que comprovam né? Que eram poucos músicos mesmo, ai na época essa banda ela só cresceu um pouco na época que eu entrei que eu prestei concurso em 98 só que eu só fui chamado em 2000, ai quando eu fui chamado eu fiquei

responsável pela escolinha, aí fiquei pegando as lição do músico, aí justamente nessa época foi que deu um salto a banda... Entrou muita gente e tudo né? Eu lembro que quando Walmir faleceu tinha 34 músicos, 33 músicos aí depois quando eu assumi eu fiquei com 30. Aí saiu um um bocado quando Walmir morreu tinha uns 24 músicos, ela já chegou com Walmir a ter 34 músicos, mas na época (após o falecimento de Walmir) só tinha 24 músicos, aí depois quando eu assumi, reestruturei já com essa rapaziada, esses meninos novatos, aí já cheguei a ter 36 músicos, é, ... e agora nos tamos com 34 músicos mais os aprendizes.

SE TRATANDO DOS COMPONENTES DA BANDA, EM RELAÇÃO A PRESENÇA DE MENINAS? PELAS FOTOS PARECIA NÃO SER COMUM TER MENINAS...

Não, passou tempo sem ter, a pioneira foi Andressa, Dessinha, logo após Você e Fabíola.... quer dizer, foi primeiro Andressa, aí depois Michele, Shirle e Quitéria do mesmo tempo [...] Não tinha porque geralmente as bandas de música elas eram inspiradas, como até hoje ainda são inspiradas nas bandas militares aí não tinha mulher, as bandas eram todas predominavam os homens do sexo masculino.

COMO ERA O REPERTÓRIO DA BANDA?.

Oh!! Na época do Expedito a gente tinha um repertório até um pouco variado, a gente tocava samba, o que sempre predominou foi o dobrado, que é o DNA da banda de música, o dobrado, mas a gente tocava samba, tocava marcha de procissão, tocava música da Xuxa, naquela época era um sucesso, era as coisas mais modernas que tinham mas sempre com aquele arranjuzinho pobre, não tinha arranjo, já na época de Walmir a gente não tocava essas músicas era só mais dobrado a gente tinha no repertório 50 ou 60 dobrados e então marcha de procissão e valsa só isso aí já próximo dele falecer aí foi que ele foi colocando uma músicas populares na banda, aí começou a misturar um pouco o repertório.

A BANDA ESTAVA PRESENTE EM QUAIS EVENTOS?

Geralmente os eventos religiosos por que na verdade quando essa banda foi criada, ela pertencia a igreja, ela tem como data de fundação 22 de novembro que é o dia de Santa Cecília, mas na verdade a primeira a apresentação foi no dia de encerramento do coração de Jesus que é o mês de junho e assim geralmente tocava nas procissões né?! Nas procissões na missa e então o forte era nessa parte mas também tocava nos eventos cívicos, dia 7 de setembro, dia 16, no aniversário da cidade que hoje antigamente não se comemorava, antigamente não se comemorava essa data, isso começou de uns tempos desse pra cá, antigamente era dia 7 de setembro, dia 16 e então assim numa chegada de um político, uma inauguração, era basicamente esses eventos.

E a gente tocava muito fora da cidade né?. Por que aqui tinha a banda de piranhas que essa banda ela só tem 25 anos, ela um tempo começou depois parou mas é uma banda nova, essa banda não tem muito tempo[...] Então Banda mais próxima que tinha era a banda de Pão de Açúcar era uma banda noa também e essa região todinha a gente tocava[...]

QUAIS OS LUGARES POR EXEMPLO?

[...] Muitos rapaz... (risos) todas essas regiões essas cidades aqui: Pariconha, Delmiro, Olho D'água do Casado, Inhapi, Mata Grande, Olho D'água das Flores, Maceió, Piranhas, Tacaratu-PE, Caraiberas-PE, São José da Tapera, tocamos muito por lá também.

QUANTO TEMPO PASSOU COMO MÚSICO DA BANDA SANTA CECÍLIA?

Como músico eu entrei em 89 e fiquei até [...] entrei em 89 a 98. 98 ai foi quando assumi e fiquei como contra mestre aí de 98 à 2011 como contra mestre e de 2011 até os dias de hoje como Maestro, regente.

REMUNERAÇÃO DA BANDA?

Antigamente não tinha um valor exato não, era pouco era só uma ajuda de custo que eu lembro que a gente ia receber na prefeitura assinava lá uma folha e recebia em dinheiro, em espécie mesmo[...] aí na época, o Prefeito Reinaldo Falcão, ele foi quando assumiu, que criou a banda no papel, uma lei que criou a banda e criou a remuneração de $\frac{1}{3}$ do salário mínimo, mas antes , as vezes era mais de $\frac{1}{3}$, as vezes era menos, mas não tinha um valor fixado em $\frac{1}{3}$ do salário, são 40 bolsas por lei, 40 bolsas de incentivo no valor de $\frac{1}{3}$ de um salário mínimo.

AGORA PODERIA ME FALAR SOBRE A SUA VIVÊNCIA ENQUANTO MAESTRO?

No meu caso assim como Maestro eu já tinha um pouco de experiência, por que eu passei essa época de 98, do final de 98 até 2011 eu fiquei como contra mestre aí por diversas vezes já assumi a banda né?! Até mesmo por causa das condições físicas do Maestro, né? as vezes ele não podia acompanhar a procissão, um desfile, aí eu que saia com a banda, e ai então em novembro de 2011 com o falecimento de Walmir aí fui convidado pelo então prefeito Zé de Dorinha a assumir a banda e então foi justamente no ano seguinte no ano de 2012, que eu fui procurar me aprofundar mais, nessa parte regência foi quando eu fui até o Rio Grande do Norte, e lá fiz uma especialização, pela... pela Fundação José Augusto que é ligada a UFRN, a escola de música e artes, eu fiz instrumentação e arranjo lá, com o maestro [...] agora deu um branco o nome dele. eu sei que me aprofundei nessa parte de regência, que eu não sabia arranjar, não sabia mexer com arranjo, aí eu fiz esse curso lá, foi um curso que fiquei fazendo via internet, preparava eles mandavam os exercícios, eu fazia em casa e iam corrigindo e logo após no ano seguinte, aí eu fiz [...], sim essa parte de instrumentação e arranjo eu fiz com Carlos Almada que ele é professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, fiz um curso no ano seguinte 2013, fiz um curso de regência com Maestro Dario Sotelo que ele é professor do Conservatório de Música de Itatuí, eu fiz esse curso no conservatório de música do Estado de Sergipe, onde eu me aprofundei nessa parte regência, de técnicas de ensaio, de prática de conjunto e daí então me filiei à Ordem dos músicos do Brasil, logo após convidado pra fazer parte da FEBAMFAL, que é a Federação de Bandas de música do Estado de Alagoas e hoje estou como delegado daqui do sertão e devido a esse conhecimento sempre estou me capacitando nessa área de regência e através das jornadas pedagógicas que todo ano é ofertado pela UFAL.

AGORA COMO MAESTRO, PODE DIZER COMO ESTÁ A BANDA SANTA CECÍLIA, SUAS NOVAS CARACTERÍSTICAS?

Por que assim né?!, a gente nem gosta nem de falar muito, por que as vezes fica puxando sardinha pra nossa brasa mas assim, quando eu entrei a gente já tinha uma vontade de fazer um trabalho, só que eu não poderia interferir porque eu era um contra mestre é uma pessoa de confiança do maestro, [...] quando eu entrei procurei modernizar nosso repertório que a gente tem até então um repertório até bom mas não usava esse repertório, a gente tinha aquela cara daquelas bandinhas de interior, aí o que é que eu fiz? eu passei a usar um repertório mais eclético, né?, com músicas com arranjos mais complexos, com [...] músicas internacionais, é [...] como é que se diz é [...] dividir melhor os naipes, os naipes da banda que a gente não tinha muito isso né?!. E também procurar capacitar os músicos, até mesmo tanto eu hoje que Graças a Deus, os músicos estão num nível muito bom, falando em termos de música, como através dos cursos que nós já tivemos aqui, o curso do SESC né?!, que foi um divisor de água, principalmente para os músicos que não tiveram uma capacitação naquele formato, [...] logo após tivemos aquele curso pela FEBAMFAL que foi aqui na UFAL- Campus Sertão e dessa forma que nós temos aí o repertório bem eclético e assim os músicos graças a Deus, com... como é que se diz?... com um nível de divisão de leitura musical muito alta, que na época que eu tava esses músicos mais velhos, eles não tem essa capacitação que a gente tem hoje. Se você pegar uma música como a gente, eles não conseguem tocar, por que o que eles tocavam antes era pobre, aquelas músicas, pobres de arranjo, tá entendendo?. Até porque não tinha uma formação eles não sabiam dividir bem, hoje não, você pega qualquer menino desse aí que tá na sede, eles, ... as vezes eu me passei, “eles: não Leleu, não é assim não”, eu me atrapalho, tá entendendo?. Você ver o nível que eles chegaram né? E hoje graças a Deus eu... uma coisa que eu tento combater muito na banda é essa questão de bebida né?!, que é uma coisa que eu ficava muito triste quando eu via a gente se apresentando ver o músico tudo bêbado, assim fazendo besteira ali, inclusive o maestro eu também ali no meio, a gente bebia ali na época, mas eu não gostava muito daquilo, o pessoal ensaiava de qualquer jeito, a gente ensaiava sem camisa, todo mundo ali de qualquer forma, tá entendendo?, aí eu procurei mudar isso, ter um pouco mais de.... Como é que diz?. De disciplina, todo mundo tocar bonitinho, bem vestido, né?!. Antigamente o pessoal o pessoal tocava de qualquer jeito, sapato de qualquer jeito, a gente procura mostrar uma imagem mais de organização.

MUITOS ANOS NA BANDA E MUITAS RECORDAÇÕES ARMAZENADAS, HEIN?

É sim, muitas recordações. Inclusive tô bolando juntamente com o pessoal da FEBAMFAL, a história da banda, pra gente não ficar só pra mim, pra que a gente faça um apanhado disso aí e passa pra o pessoal, justamente quem vai dá o apoio pra gente é o pessoal do SESC, financiar esse trabalho nosso, eu vou entrar com as informações, com o material que eu tenho, fotos essas coisas, pra gente fazer esse trabalho.... até pra o pessoal, as escolas, hoje o aparelho de cultura que mais trabalha em Água Branca é a banda de música que mais tá ativa, que mais aparece hoje. A gente tem esse trabalho nosso, que a gente vai tocar no pinto da madrugada em Maceió, quer dizer a Banda Santa Cecília ela é conhecida, muito conhecida, não só nesses estados vizinhos, mas no Brasil inteiro... eu tenho contato com gente do Brasil inteiro, com maestros, com grupos e tudo, sempre que posso mando fotos pra eles e o pessoal elogia muito nossa organização.

APÊNDICE 3 – Entrevista de nº 03

Entrevista: Evandro Sandes

Data: 28/05/2018

PERÍODO EM QUE ENTROU NA BANDA?

Acompanhando a Banda.... ééé!!!, de lembrança da Santa Cecília, ai tenho [...] em 1985 por aí ainda da banda de seu Zequinha, que é na Santa Cecília mesmo, da Banda Santa Cecilia que ainda pega o Maestro Zequinha, né?!, e alguns músicos: Mané de aia, Mané de Bié, eu era coroinha da igreja, ia tocar a matina na Igreja do Rosário foi quando eu vi a 1ª vez a banda. Quando a banda Santa Cecília acabou, que aí ninguém diz, mas acabou mesmo, a Banda Santa Cecília acabou... o Padre Rosevaldo trouxe duas vezes a Banda de Pão de Açúcar pra cá. (cachorro latindo), ai eu vi em 86 a Banda de Pão de Açúcar tocando foi quando eu vi uma tuba, não sabia o que era, né?! Tocou aqui a Banda, ai quando foi em 86 mesmo é [...] Antônio Grilo convidou Seu Zequinha pra formar a Banda, os músicos velhos tudo com ciúmes dizia que ele não tinha condições de formar a Banda, Zequinha não tinha condições de formar a Banda não, “ele disse vou formar”. Foi quando ele chamou uma turma, eu me lembro eu pequeno fui lá na sede, Egídio meu irmão mais velho batendo lição, aquela turma que entrou né?

LEMBRA QUANTOS ERAM MAIS OU MENOS?

Ahh, aprendendo era uma turma grande, mas assim dos que ficaram na banda mesmo foi: Egídio, Gilberto, Wilson Boi, João Bezerra, Ailton de Zé tatu, o finado toinho. (barulho de carro passando ao fundo) Erasmo, Gonçalo, Sandoval foi pra tarol, Gil que morreu depois que era da Banda, foi atropelado. Me lembro dessa turma mais clássica, e quando foi no dia 07 de setembro de 86. (cachorro latindo fortemente), a banda fez a sua 1ª apresentação, foi a Banda Juvenil, o nome da banda, eu tenho uma fotografia que tá aí por dentro que tem lá “Banda Juvenil, não era Banda Santa Cecília, era Banda Juvenil, tocou no dia 07 de Setembro saiu, foi um dia de segunda- feira, se você procurar nos arquivos, no dia 07 de setembro foi no dia de segunda-feira, ai saiu machando, eu sai correndo atrás da banda né?! que nem menino sem vergonha, correndo atrás da banda.... eu comecei acompanhar a banda desde aí, a banda tocou na festa da padroeira, eu tocava a matina e Zé Silva batia o bumbo né?! E ficava dizendo: “ Se você ficar do meu lado, quando eu pegar o sax eu te dou o bumbo, e eu fiquei com aquela esperança de pegar o bumbo, assim eu entrei na banda né?! Ainda peguei, ainda entrei na banda com Seu Zequinha, tocando o bumbo eu não podia com o bumbo ele era grande, imagina um menino de 9 anos com um bumbo grande?. Eu entrei na banda e outra criança que naquela época foi Galego de Nozinho que era arquivista da banda, também entrou que Nozinho era Presidente da Banda, e ai botou Galego, quando foi em 87, não 89 por aí... (cachorro latindo). Seu Zequinha se afasta da Banda, o Contra Mestre era Gilberto e alí fazia o convite pra Expedito Aguiar, Maestro Expedito Aguiar veio de Paulo Afonso. (Barulho de Motocicleta), pra continuar [...] ai foi quando entro os menino (mudança de local, por conta do barulho), entrou uns meninos pra aprender música, ai nesse meio veio Kaka né?! Carlos, toca sax, clarinete né, Leleu Valério que hoje é o Maestro, Ricardo, Alexandre, uma turma do nosso tamanho que até chamava a turma do nosso tamanho que até chamava a “turma da Xuxa” , eu até fiquei mais feliz pra que eu batia bumbo né?! E passei o tempo com Seu Expedito Aguiar batendo o bumbo

, o tempo todo com Seu Expedito Aguiar, ai depois se Expedito Aguiar adocece, daí se fosse pra lembrar o que nós já tocamos ai seria uma história imensa... chega Walmir indicado por seu Expedito Aguiar mesmo, Walmir, moreno, forte, baixinho, nós fomos pegar o Maestro la com a família no caminhão, em cima do caminhão, foi uma farra, os músicos em cima do caminhão.

EM QUE CIDADE FORAM BUSCAR?

Fomos buscar em Paulo Afonso, chegou Aldry bebê, Aldry, Nenê era bebê e Andressa de braço mesmo, Dessinha bebezinha mesmo[...] e ai Walmir chegou eu ainda continuei tocando bumbo eu acho que por um ano, ai depois começou naquela folia entrou Paulo, Dinda, Eduardo meu irmão, tudo pra aprender música, mas eu batia bumbo, eu tinha ritmo, sempre gostei de ritmo e ai foi quando comecei, ai quem era contra mestre da banda era "kaka", eu vou começar a pegar a lição, eu me lembro como hoje eu peguei 28 lições, como eu sabia bater ritmo, tinha contato com o bumbo, Walmir foi na sala e perguntou se ja tinha algum menino pronto.. ai disse tem, ele ta batendo aqui, ai quando eu dividir a lição aí Walmir disse: Dê o bombardino a ele, ninguém tocava bombardino o instrumento tava la dentro do armário, por que o pessoal só queria sax, eu mesmo queria um sax, né?! Mas so tinha um sax, deu a Paulo, que não se tornou grande músico, Paulo Mendes - irmão de Dinda - que é pastor. Ai peguei o bombardino, o Kaka, o Ricardo e Leleu já tavam tocando, tocavam clarinete, ai depois veio uma mudança de instrumento, eu peguei o bombardino, Walmir nao queria me tirar do bumbo.. mas ai peguei o bombardino e daí veio outra levada de gente, de aluno, Márcio Boi, uma turma boa, menino! Como sempre apresentou a banda nao entrava menina, por que só era bagunça mesmo aí peguei o bombardino.

[...] Ai na primeira vez que eu fui tocar o, ... Ricardo saiu do clarinete, veio o problema na política, né?! Teve vários problemas na política né?!, que os prefeitos entravam e tiravam e não queriam saber não, e o maestro so renovando e... veio outro problema na política, foi quando Kaka saiu da banda teve problema na garganta, isso passando os anos não precisa dizer anos não, Leleu foi p São Paulo, e aí a Banda sofreu uma baixa[...] Walmir ficou muito chateada, nao tinha mais ninguém pra aprender música na banda e eu sacristão da Igreja nem abandona a Igreja, nem abandonava o Pe. Rosevaldo, nem abandonava Walmir né? Ai foi quando me veio uma ideia na cabeça, poucas pessoas sabem disso, tinha 12 coroinhas, Eu disse: "Pra ser coroinha vocês vão ter que aprender", eu ensino... eu comecei ensinando lá no salão da paróquia e também na sede de música, que eu virei o contra mestre da banda né?!.

VOCÊ ENSINAVA NA SEDE, JÁ ERA NA RUA OSMAN?

Já sim, já era essa, desde o tempo de eu criança que era ali, foi reformada pra fazer a sede [...] os músicos dormiam la pra ir tocar no outro dia e ai Leleu voltou... ai eu era contra mestre da banda mesmo, isso no tempo de Luiz Xavier. [...] e ai teve um carnaval, a banda tinha bem pouquinho músico, não tinha quem tocasse carnaval, e o prefeito também não se interessou em fazer o carnaval, o que foi que aconteceu, eu tava aqui em Água Branca, tinha uns meninos tocando fora, em Delmiro, que era tudo que não tava mais na banda e Leleu chegou de São Paulo, aí eu disse: "Leleu tem como a gente tocar no carnaval ali?"[...] ele: "Rapaz eu to com os dedos travados, sei lá", ai eu: tem problema não, a gente pega o tenor e vamos tocar... tocou só nós dois no carnaval, eu no trombone ele no tenor... e eu era contra mestre da banda ai chamei os meninos: Henrique, Fábio (in memorian), Rafael, Ivelton, Erivan, Cícero, eu coloquei os 12 coroinhas para aprender música. Inclusive eles que mais tarde se tornaram músicos da Banda, Tiago de Nilza no trombone né?! Que era pra aumentar o número mesmo. Quando aconteceu isso aí, foi quando houve o concurso público, passou os dois e ai eles como

sempre aconteceu na política, né? Eu era contramestre da Banda, eles me chamaram e falaram que eu deveria me afastar de algumas pessoas Zé Silva, de Egídio, eu ia ser chamado no Concurso, Leleu já tinha sido chamado e eu era o contramestre, minha carta já tava pronta agora que eu ia acompanhar o grupo político que estava no poder. Eu disse: Não, de forma nenhuma, minha visão política não é essa não, se quiser me demitir, pode me demitir e ainda me ofereceram o cargo de maestro, porque Walmir estava bêbado, e não tinha mais condições de dirigir a banda e que eu estaria a frente da banda, olha isso ta com tempo, viu [...] e ai quando foi no dia recebi a carta de demissão. Aí saí da velha guarda eu era o último, ai saí da banda, continuei, fui estudar né?! Sai pra estudar, passou tempo, passou uma administração, passou outra é [...] Reinaldo ganhou, eu nao tinha mais interesse assim em tocar, ai quando Walmir formou a nova geração, ai nessa Leleu ja estava na banda, sempre teve muita aproximação eu e leleu, muita amizade nós dois é... Leleu voltou pra banda mas o grupo da banda que tava sendo formado num dava ainda pra tocar, né?! E Walmir veio aqui (na sua residência), me chamou: “oh Cabeção, rapaz eu quero muito que você me ajude. Eu respondi: o que foi? [...] maestro disse: Rapaz vá tocar o trombone na banda por que os meninos que entraram tão, eu, Walmir não quero trombone não... também não tenho tempo, eu não t com muito interesse em tocar, tô ensinando fora, ele disse: não, vamos la me ajudar, você pega um trombone, né?! E ai só pra me ajudar mesmo, eu disse não Walmir quero não, ele disse vamos lá me ajudar. Ai voltei pra banda, comecei a ensaiar, não sei, já tinha umas meninas já tocando [...] final do mandato de Zé de Dorinha antes de Reinaldo Falcão entrar, eu não me lembro do ano, eu voltei pra banda com trombone toquei la né?! Ai [...]toquei eu e Tiago.

TOCOU OUTRO INSTRUMENTO NA BANDA, ALÉM DO TROMBONE E DO BOMBARDINO?

Eu queria tocar um baixo, mas como não tinha Walmir trouxe o bombardão aquele que tá na sede, passei os anos do mandato de Reinaldo Falcão, só que aí comecei a ficar sem tempo de ir pra o ensaio da banda. Só chegava depois só no final, eu sempre gostava de ir pra o ensaio, nunca faltei ensaio, sempre tava mas muitas vezes ia na casa de Walmir pegar as partituras com ele, fazer algumas coisas, ajudar algumas coisas, porque eu era muito ligado [...] [...] como você sabe, já no finalzinho que eu fui pra São José da Tapera, fui convidado a ensinar em São José da Tapera, comecei a ensinar lá, fiz um dobrado pra Walmir, eu tenho um dobrado o nome é “Marrom”, de um dobrado fiz um ta aqui no computador, se você depois quiser escutar... eu fiz o dobrado Marrom pra ele e foi quando eu disse que ia apresentar a banda aqui e ele tava doente, ai acabei Walmir quase falecendo no hospital, fui visitar, ai foi quando Walmir faleceu, uma amizade muito grande por Walmir e[...] Leleu assumiu, eu continuei, disse a Leleu que eu não tinha mais como ficar na banda, pediu pra me ficar aquele ano na festa que eu não saísse, eu disse que só tava na banda mais por causa de Walmir por causa das outras ocupações. Fui estudar música assim ocultamente, passei 5 anos na Universidade de Música de Belo Horizonte, me formei hoje tenho graduação em Regência e composição, né?! E hoje tenho a banda de música, formei a banda de música, nunca esqueci, o repertório da banda de música de São José da Tapera faz uma homenagem a Santa Cecília, os dobrados dos maestros daqui de Água Branca a banda toca lá, executa, coloquei todos os nomes dos maestros daqui, maestro Zé Gonzaga, maestro Zequinha, maestro Expedido Aguiar e agora o dobrado, é... maestro Marrom, né?! A banda de São José da Tapera toca essas músicas, são 40 músicos a gente trabalha com criança, são quase 40 músicos e a gente trabalha assim, eu digo que tocar é quase que impossível [...] assim com a Santa Cecília mas que eu aprendi de música agradeço muito a Banda Santa Cecília, sei que contribui assim da velha guarda eu, tanto

eu como zé silva nós somos os que ainda continuam em atividades, né?! Da velha guarda que eu digo assim de Seu Zequinha, assim eu com 9 anos de idade, naquele tempo de seu Zequinha, e assim a banda Santa Cecília pra mim é uma vida, cresci ali dentro me dediquei, ensinei né, que hoje tem os meninos, maestro é assim, às vezes você ensina e às vezes não chega a ser reconhecido, né?! Mas eu tentei mudar isso, em São José da Tapera alguns costumes que tem na banda Santa Cecília desde os mais velhos e de vez enquanto eu converso muito com Leleu, sabe?! Comportamentos, algumas coisas que acontecem na Santa Cecília e Leleu muito dedicado, muito preocupado com a banda, as vezes a gente conversa muito... Nós dois éramos como os meninos, diziam que éramos os “intocáveis de Walmir” dentro da banda, eu e Leleu, mas não era assim não, as vezes eu pegava briga com Walmir, assim depois ficava com raiva, depois ele dizia: “ah! Seu cabeção” [...] mas porque foi muito tempo, sabe?... com Walmir. Eu assim acredito incondicionalmente hoje a Santa Cecília tá em boas mãos com Leleu, ele faz um trabalho muito bonito, mas essa formação de harmonização pra quem entende de música de Seu Zequinha, né? até Walmir, foi Walmir que trouxe, de Leleu pra frente é outra história, né?, mas assim a Banda Santa Cecília era aquilo ali, tocava um dobrado, num tinha uma música popular, um dobradinho aqui, uma música de santo ali, sem muita harmonização, depois Seu Expedito Aguiar chega dando uma inovada, mexendo na divisão dos aluno, né? formando os alunos e ensinando os alunos a dividir, até porque muito aluno de Seu Zequinha que era muito bom também, não desmerecendo Seu Zequinha, assim ele era um grande saxista, mas assim os músicos que foi formado foi muito rápido, talvez tenha sido isso, a passagem de Seu Zequinha foi muito rápida, certo?

QUANTOS ANOS SEU ZEQUINHA, PASSOU A FRENTE DA BANDA?

Ele ficou de 80, Seu Zequinha acho que ficou de 86 quando ele começou a ensinar à 89 por aí. foi quando seu Expedito Aguiar deve ter chegado por ai. Nesse período, foi um período curto, seu Zequinha não ficava a frente da Banda, ele não regia, quem ficava era o contra mestre e não tinha ninguém, maestro na frente, era o bumbo que dava a entrada, BUM - entonação do efeito sonoro do bumbo - aí entrava, a banda entrava, não é como hoje não, não tinha regência entendeu? entrava no remasso. [...] aí depois veio seu Expedito Aguiar aí quando chegou Walmir, Walmir chegou ficou com um repertório pequeno, eu não sei dizer, definir qual o tempo mesmo que Walmir começou a se interessar mais, sabe? foi no tempo de Reinaldo Falcão porque a banda não tinha estrutura nenhuma. Era horrível! eu cheguei a tocar uma procissão eu no bombardino e Walmir no trombone e apenas Adriano no tenor - Adriano de lia P - Ronaldo e Neca no Bumbo, finado neca no bumbo. era mais ou menos 5 pessoas, muitos tinham ido embora. parecia que a banda ia acabando, muitas vezes a gente faz uma homenagem assim, e esquece de lembrar de pessoas que foi importante, como foi o caso de seu Antônio Grilo, não tinha banda, foi ele que restaurou mesmo a pedido do Monsenhor Rosevaldo, a mesma coisa aconteceu em Tapera, que o Monsenhor Rosevaldo quem pediu, né? Ele resgatou e depois veio seu Expedito Aguiar que indicou Walmir, e Walmir por não ter desistido, Walmir ficou sem salário em Luiz Xavier, ficou sem nada, todos sabem disso, Walmir ficou sem nada, ele segurou a banda de um jeito, de uma certa maneira que ele foi tão grato a mim por não ter abandonado, que ele me deu o trombone dele [...] hoje é uma relíquia pra mim.. [...] e assim Walmir segurou essa banda com unhas e dentes, hoje é fácil né? recebendo $\frac{1}{3}$ do salário mínimo e também ninguém lembra disso que foi Reinaldo Falcão que colocou, foi uma briga nossa. Reinaldo disse: “vamos colocar” [...] Reinaldo estruturou Walmir, né? Naquela época foi muito bom, eu

acho que foi o melhor prefeito que a banda teve, ele estruturou mesmo a banda. eu hoje posso não dizer que não to contribuindo não porque não quero, por que não tenho tempo, mas assim é uma coisa pessoal minha, por exemplo, quando a Santa Cecília tá tocando eu não gosto de tá tocando, não gosto de ficar olhando [...] me lembra Walmir, eu não lembro de outra pessoa, me dá uma coisa, que eu passo ali na frente, da casa dele, foi uma coisa que perdi assim. você sabe disso, a falta de quando a gente perde alguém. Hoje eu vejo a banda tocando e muitas vezes esses novos membros não sabem que a gente foi da banda, né? . Eu também não sei, eu não tô lá pra saber se alguém lembra de Walmir lá dentro né?, os novos né? Não é pra deixar essas pessoas morrer não, sabe, que é muito importante né?. Eu vejo que vai se apagando, eu sinceramente sempre gosto de lembrar [...]

LEMBRA EM QUE ANO WALMIR VEIO PARA ÁGUA BRANCA?

Eu creio que ele tenha vindo em 92, eu tiro pelo período [...] por exemplo eu lembro de uma foto que escaniei da orquestra tocando no tempo de Luiz Xavier, então dá pra ligar em que ano foi por exemplo, foi em 1992 que Luiz Xavier ganhou e Walmir já era maestro da banda, que foi o primeiro carnaval, que era até carnaval da paz, mais ou menos isso aí.
[...] eu vejo assim a banda tocando hoje em dia, a banda não acabou por causa de muitas coisas, né? por causa de briga da gente, de insistência, né? depois que Reinaldo Falcão entrou, foi uma coisa boa, colocou uma bolsa, os meninos muitas vezes eu digo: “será que tão tocando pela bolsa ou pela banda?”

A ENTREVISTA SE ENCERRA COM O ENTREVISTADO EVANDRO SANDES MOSTRANDO O DOBRADO MARRON, DEDICADO À WALMIR FONSECA MAESTRO (IN MEMORIAN) DA BANDA SANTA CECÍLIA.

[...] Eu tive a felicidade de mostrar a ele, ele tava doente, debilitado, aí eu disse; quando tiver preparado eu te mostro, e assim são essas coisas, né?. vocês que ainda estão em atividades é fácil né?, o que precisa é ainda lembrar dessas pessoas em vida. eu ainda tô nos arranjos, mas to fazendo um dobrado pra seu avô, ainda tô rascunhando, tô fazendo um dobrado pra Manoel, por que assim são pessoas que tão aí vivos e a gente não lembra, entendeu?.
[...] A lembrança da Santa Cecília quando passa uma música da Santa Cecília, a gente lembra, volta na hora, ali a gente cresceu. eu cresci ali dentro tanto na matriz como coroinha e sacristão, desde os 7 anos ajudando o padre.

APÊNDICE 4 – Entrevista de nº 04

Entrevistado: Manoel Baptista de Oliveira

Data: 21. 10. 2018

QUAL FOI O INCENTIVO PARA ENTRAR NA BANDA?

Quando fui pra o seminário, lá já tive um começo, um pouquinho com Frei Bernardino, mas assim só para coral [...] em 50, 52 do seminário e [...] participei do coral lá no seminário e depois em 57 aí vim “me bora”. Entrei na banda, na escola de música com Zé Gonzaga, ele ensinava na rua São Bento, naquela casa de seu Né Batista, sabe onde é? Vizinho a farmácia Farias.

A SEDE ERA ALI?

Era, ele morava, aí tinha um salãozinho que ele dava aula a ente lá, ele se escondia da gente, doido pra beber [...] os músicos eram [...] começar pela bateria, era “compadi” Zé Raimundo Bumbo, era Manoel Teodoro Neto, primo de Mané de Bié batia prato, tarol no tempo era Zé Pernambuco, surdista eu também não to lembrado quem era, depois fiquei surdo, fiquei no surdo, foi.. Cai no trompete Zé Reis, Mané de Bié tocou riquinra,... Cirço Souza, tocou trombone, finado Wilson Brandão, tocava trombone também, eu conheci Franculino que era na trompa,[...] Bombardino era um Zé, parece que ele já morreu, da serra do Ouricuri, ele foi músico polícia, Zé de “Bei”,era Bonbardinista... contra baixo era seu João Cezário, [...] quem era mais [...] clarineta parece que um filho de seu Miguel Baião, primo de Maria Francisca, Zé Baião, pronto é os que eu me lembro.

SABERIA DIZER QUANTOS ANOS ZÉ GONZAGA PASSOU À FRENTE DA BANDA?

[...] pior que eu não lembro o na que ele morreu sei que ele ficou até morrer, agora o ano que ele morreu é que eu não tô lembrado, ele tomou conta da banda, foi preciso Dona América tirá-lo pra dar aula a gente na prefeitura, lá em cima na câmara, e sala ficava lá em cima, por que ele interrompia a aula por causa de bebida. Aí dona América passou pra lá, aí ele começou a ensinar a gente, quando eu comecei a pegar instrumento, ele pegou a partitura daquela marcha de procissão, uma marcha que tocava na semana santa, num sei se era 28 de março o nome da marcha, eu sei que era (o entrevistado canta a música para demonstrar a marcha) , era assim mas não lembro o nome da marcha. [...] O maestro Zé Gonzaga substituiu o tio dela (o entrevistado se refere a sua esposa Maria Francisca), por que ele foi embora pra São Paulo, aí depois se Zé Gonzaga veio embora e ficou aí tomando conta da banda, aí nesse negócio de tomar conta da banda e dá aula pra gente, passar a gente pra tocar escalas , e passar músicas, aqui tinha um movimento de tocar na semana santa, na sexta feira da paixão na procissão, aí ele botou essas partituras, pra gente ir ensaiando lá em cima na prefeitura, até dona América reclamou, aí ela disse: ôh, Zé! Quem é que vocês tão agourando aqui na prefeitura, que tá ensinando marcha fúnebre aos meninos?, aí ele: Não Dona América é por que quando comecei a tocar, tinha costume de tocar na procissão do senhor morto, e eu quero botar os meninos pra tocar também. Aí ensaiamos, até que essa marcha acabou servindo para o acompanhamento dele pra o cemitério.

O SENHOR TINHA QUANTOS ANOS QUANDO ENTROU NA BANDA?

Quando entrei na banda tinha 19 à 20 anos, por quando saí do ceminário, eu saí com 19 anos

DEPOIS DO ZÉ GONZAGA QUEM FOI O MAESTRO?

Depois do Zé Gonzaga foi Zequinha. Zequinha ficou um bocado de tempo com a gente, depois veio, arrumaram Expedito Aguiar de Paulo Afonso. Ele veio de Paulo Afonso mas não sei se era de lá. Tinha também uns músicos que vinham de Delmiro pra reforçar a gente [...] lembro que seu Zequinha deixava

sob a minha responsabilidade distribuir as partituras, aí o “compadi” Zé Cesário dizia: compadi, compadi, pra “bulir” com o maestro bote, por que a banda daqui era resumida, era dois trompetes, dois trombones, eu e Valdenor no pinton, Franculino trompa, aí e ele dizia: bote Batista de melo (dobrado executado em várias bandas de música), ele: não, bote não, batista de melo é um dobrado pesado, de responsabilidade, mas ele facilitou um pouquinho assim, eu distribui Batista de Melo, aí quando ele (referindo-se ao Maestro Zé Gonzaga) saiu, aí executamos o dobrado, quando terminamos aí ele: vocês são uns doidos, vocês tocaram direito mas vocês são uns doidos, isso não é um dobrado pra essa banda tocar não, com um “tiquin” de músicos desse.

TINHA UMA FAIXA DE UNS 15 MÚSICOS ERA?

Era mais ou menos, uns 15 a 20 músicos, era uns daqui reforçados com [...] era de Água Branca, mas moravam em Delmiro.

QUANTOS ANOS ZEQUINHA FICOU A FRENTE DA BANDA?

Não, sei que depois de Zé Gonzaga Zequinha ficou e foi, tocamos umas três a quatro festa com ele, mas depois veio esse camarada aí o Expedito Aguiar.

QUANTO TEMPO PASSOU NA BANDA?

Fiquei até, eu toquei com Zequinha, aí quando começou essa banda de jovens, aí eu me afastei. Aí depois de Expedito veio Walmir. Até que a prefeitura tinha uns instrumentos, me deram consentimento, aí Antônio Grilo tinha comprado esses instrumentos, disseram: aproveita que Antônio grilo é prefeito ele é seu irmão, aí eu ele dá nada, aí de maneira nenhuma ele não me deu, quem veio me dá esse piston já foi Wilson Torres, aí dona América como secretária me deu o documento.

SABERIA INFORMAR A RESPEITO DO FATO DA BANDA TER ACABADO?

Não ela mesmo fraca ela ia, nunca deixou de ter banda aqui não, a gente tocava até por Mata Grande, eu toquei em Mata Grande, toquei com Banda Fanfarra, toquei com Mané de Bié em Santana do Ipanema em vários. A banda parou por pouco tempo, foi rápido, um demorou muito não, parou na festa já reorganizaram na festa e continuou. [...] Passei mais ou menos uns 10 anos, que quando eu me casei, eu já tocava na banda.

EM RELAÇÃO A CRIAÇÃO DA BANDA O QUE SABE A RESPEITO?

Quando eu era menino, falavam num zé Hemiliano, depois num Mané Cacheiro, depois não sei se teve outro, mas veio Miguel Baião que era tio de Maria Francisca, ele morava aqui mesmo ele era dono de cartório de Maria Dantas era dele, mas não sei dizer como ele aprendeu, por que já alcancei ele músico, ele tocava requinta. Eu fui pra o ceminário ele já era maestro, mas por conta de questão de política ele foi embora pra Belo Horizonte.

APÊNDICE 4 – Relato de Experiência como Membro da Banda Santa Cecília

Nome: Andressa Silva Souza

Data: 09. 10. 2018

Relato enviado via email.

Ser a primeira mulher a entrar na banda Santa Cecília não foi muito fácil. Na verdade não por ser a primeira mulher, eu não carregava comigo essa carga, eu só queria fazer parte, estar lá. Ser a primeira mulher foi só um detalhe que naquele momento eu sequer havia notado. Na verdade menina, pois eu tinha apenas 8 anos quando iniciei os estudos. Não foi fácil porque eu não gostava de passar as minhas tardes estudando música, eu era uma criança e adorava ver televisão e desenhos. Quando meu pai - que era o maestro e professor de música na época - me perguntou se eu queria estudar música, foi uma grande alegria que senti no momento. Eu adorava qualquer coisa que envolvesse o meu pai, poder estudar com ele foi como um presente divino. Eu lembro muito bem do momento em que eu disse sim para ele. Com um enorme sorriso nos lábios e me sentindo importante. Mas como nem tudo na vida são flores, logo veio a primeira decepção: passar as tardes estudando música.

Na primeira semana, foi muito bom. A gente tem aquele susto, aquele fogo de palha, o brilho nos olhos de toda criança encantada com aquele mundo novo. Na semana seguinte, já se tornava estranho, eu sentia falta de fazer outras coisas no período da tarde. Dia após dia, as coisas foram se adaptando. Eu fui começando a tomar gosto pela coisa. Aprendi a gostar, entendi que aprender “aqueles rabiscos” como muitos colegas comentavam comigo, era muito bom, fazia muito bem para mim. Cada lição passada, era um novo desafio. E cada vez se tornava mais complicado interpretar as lições, como assim chamamos os aprendizes.

O tempo foi passando e as coisas evoluindo. Já com 92 lições passadas, eu estava pronta. Pelo menos, deveria estar pronta para treinar no instrumento. Creio que aquele momento é um dos mais importantes para nós aprendizes. Para mim, foi um grande prazer. Um encantamento, na verdade. Quanto a gente anda degrau a degrau de uma escada, buscando lá em cima uma compensação. Assim foi receber o instrumento. A minha compensação. No momento que meu pai até então maestro da banda, me entregou um clarinete, meus olhos se encheram de lágrimas e eu fiquei totalmente emocionada. A criança obedeceu o pai e ganhou um doce. Era assim que eu estava me sentindo naquele momento. E assim, foi passando os dias, os treinos eram cada vez mais constantes. Eu era apaixonada por aquilo. Acordava as 5h da manhã para pegar o clarinete e soprar. Passava horas e horas com o instrumento na boca, ouvindo os meus irmãos

gritando “para com isso, olha a hora!” [...] Era divertido e ao mesmo tempo chato. Muitas vezes eu corri para treinar músicas escondida em um quarto no quintal da minha casa. Era a forma de treinar sem que ninguém gritasse para parar. Dessa forma apaixonada, rapidamente chegou a hora de participar da minha primeira apresentação já como musicista.

Lembro muito bem daquele momento. Uma procissão curta, organizado por uma senhora cujo nome não me recordo no momento, mas que todos os anos a banda Santa Cecília tinha que fazer participação. Em um daqueles anos, mais precisamente em 2000, foi a minha primeira apresentação junto a banda. Lembro da roupa que eu usava. Uma camiseta branca, calça jeans preta, e um tênis preto. Não tinha fardamento para mim naquele momento, então me foi recomendado usar uma camiseta branca para acompanhar os outros integrantes que usavam uma farda branca. Aquele momento é bem nítido ainda para mim, mesmo passados alguns anos, guardo na memória cada trecho daquela procissão. Era um domingo, eu tinha catequese aos domingos pela manhã. Solicitei a equipe de catequistas sair mais cedo naquele dia, para poder me juntar a banda e sair junto da sede. A partir dali já senti certo medo. Eu era muito tímida, e falar o motivo de querer sair mais cedo da aula de catequese já foi um impacto para mim. Mas assim o fiz.

Já na fila da procissão, estava mais envergonhada do que nunca. Era surpresa para as pessoas que eu estivesse ali na composição dos músicos e isso fazia as pessoas apontarem para mim, sorrindo. Eu não entendia porque aquela surpresa toda. Não naquele momento.

Para a criança que eu era, ser uma menina no meio dos músicos homens não fazia a menor diferença. Eu não coloquei na cabeça que era uma mulher e fazia parte da composição da banda. Na minha cabeça só se passava o fato de estar lá, tocando e sendo mais um integrante. Eu não sentia ansiedade por ser a primeira vez, eu não sentia nervosismo de nenhum tipo por ser a primeira vez. Eu só sentia vergonha, a timidez era quem se manifestava naquele momento.

Após esse episódio tão importante, a primeira vez como integrante da banda Santa Cecília, vieram outros e outros. Viagens, eventos religiosos como a festa de dezembro na cidade, muita coisa foi acontecendo. Cada dia mais eu me aprimorava e gostava da banda. De fato, em muitos momentos eu queria correr daquela responsabilidade, queria poder sair com os amigos, ver as procissões de longe, mas enquanto integrante da banda Santa Cecília os desfiles cívicos da cidade nunca mais foram os mesmos, assim como os eventos religiosos nunca mais foram os mesmos, pois eu não podia ver de longe, como as outras pessoas. Como musicista da banda Santa Cecília, eu era mais um integrante daqueles eventos. E assim foi durante 10 anos. Iniciei com 8 anos, encerrei com 18 anos após ter que mudar de cidade para ingressar na universidade em 2010. Hoje, só me resta saudade dessa história.

Os anos em que fui integrante da banda Santa Cecília foram os melhores da minha infância-juventude. Cada um de nós integrantes, éramos crianças, jovens, irmãos, irmãs, pais e mães. Constituímos uma grande família, com todas as brigas, diferenças e amor que tínhamos uns pelos outros, éramos de fato uma grande família. Foram anos dourados, anos de muita descoberta, de muita paixão por aquilo que fazia, e muito crescimento pessoal. Hoje, enxergo esse projeto, como um *case* de sucesso para as pessoas da cidade. É uma forma maravilhosa de engajar crianças e jovens na cultura da música, da responsabilidade pessoal e profissional que pode ser vista.

A vida em sua tamanha magnitude muitas vezes nos leva a caminhos distintos daqueles pelos quais sonhamos um dia. Assim ocorreu comigo. Eu fui a criança sonhadora. Sonhava em trilhar os caminhos da música, crescer naquele cenário e um dia ser a maestrina daquela banda. Não tive esta oportunidade, outras vieram e as agarrei. Os tempos passaram e outras paixões foram surgindo em minha vida. A música e aquele sonho de criança foram se tornando esquecidos, adormecidos. Hoje, a banda Santa Cecília é apenas mais uma maravilhosa lembrança. Aquela lembrança que nos arranca sorrisos involuntários, sinceros e em sua forma mais bela.

APÊNDICE 6 – Relato da Esposa do Maestro Walmir Fonseca de Souza

Nome: Odete Silva de Souza

Data: 04. 11. 2018

Relato enviado via email.

Walmir Fonseca de Souza nasceu em 06 de maio de 1960, filho do Maestro Valdemar Antônio de Souza e a Dona de Casa Anete Fonseca de Souza, ambos naturais da cidade de Jardim do Seridó, Rio Grande do Norte.

Sua infância foi pobre, passou por diversos problemas sociais até se tornar maestro, seu sonho de menino. Seu primeiro contato na música foi por meio do seu primeiro professor e Maestro Senhor Jaime Brito, que por sua vez ensinava música na sede da Banda Filarmônica Euterpe Jardimense na cidade de Jardim do Seridó. Anos mais tarde, Walmir ingressava como músico na referida Filarmônica, aos 12 anos de idade. Durante 6 anos foi parte integrante da banda. Saiu aos 18 anos para cumprir suas obrigações no exército brasileiro. Serviu ao seu país durante 12 meses na cidade de Caicó-RN. Aos 19 anos, retornou para sua cidade natal Jardim do Seridó.

Em seu retorno a Jardim, integrou-se novamente à Banda Euterpe Jardimense, desta vez junto a seu pai Valdemar Antônio de Souza que havia se tornado Maestro após o afastamento do Sr. Jaime Brito. Permaneceu por mais 8 anos naquela banda. Nesse mesmo período fez parte de Filarmônicas das cidades da região: Banda Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas, de Acari-RN; Filarmônica 11 de Dezembro, de Carnaúba dos Dantas; Banda Filarmônica 11 de fevereiro de Parelhas-RN. Tocou em Bandas-Baile como a Fobus, a Banda Feras e a Estrelar. No ano de 1987 viajou para trabalhar pela Construtora Mendes Junior em Itaparica município de Petrolândia-Pernambuco. Lá, fez parte da Banda Escola Itaparica durante 18 meses. Após esse período, mudou-se para trabalhar na CHESF em Paulo Afonso – Bahia. Conheceu então o Sr. Barbosa que o convidou para fazer parte da Banda do COLEPA onde participou por 3 anos, atuando também como contramestre.

Em 1991 o Prefeito Wilson Torres, da cidade de Água Branca- Alagoas, pediu a indicação de um músico para ser regente/Maestro da Banda Filarmônica Santa Cecília nesta mesma cidade. Wilson Torres chegou até o senhor Barbosa, que por ver em Walmir um músico apaixonado, o indicou para o cargo. Foi então que chegou a chance de desenvolver um trabalho que tinha como sonho. Partiu para a experiência, pois para ele era um objetivo de vida ser

Maestro de uma Banda Filarmônica e um sonho que poderia se realizar com esta oportunidade. Em Água Branca, desenvolveu um trabalho desafiador, pois carregava consigo somente a paixão pela música e o desejo de ensinar.

Permaneceu como Professor e Maestro na Banda Santa Cecília em Água Branca de 1991 a 2011, como também na Banda em Delmiro Gouveia- AL, de 15 de janeiro de 2001 a 30 de outubro de 2004. Como professor de música, deu aulas na cidade de Mata Grande e povoado Boqueirão no município de Água Branca. Por diversas vezes fora convidado a participar da banda Filarmônica também da cidade de Piranhas-AL.

Ao longo da vida, sua formação foi construída principalmente como músico autodidata, guiado pelo raro dom do ouvido absoluto, e diversos cursos técnicos em conservatórios.

Tinha uma enorme satisfação e orgulho de deixar sua contribuição como um legado, exemplava os jovens, inclusive os seus três filhos que também foram parte da banda Santa Cecília. Aldryânderson Silva de Souza, Andreyvis Silva de Souza e Andressa Silva de Souza. A medida que alcançavam certa idade, tornavam-se integrantes da filarmônica.

Em decorrência de problemas cardíacos, faleceu no dia 08 de novembro de 2011, na UTI do Hospital Geral do Estado em Maceió AL. Foi velado na cidade de Delmiro Gouveia e depois velado por algumas horas na sede da Banda Santa Cecília. Após o velório foi conduzido para Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, onde foi celebrada a missa de corpo presente, depois trazido para Jardim do Seridó-RN onde foi sepultado no dia 10 de novembro de 2011.

ANEXOS

ANEXO 1 - Lei de Criação da Banda, 2005



PREFEITURA MUNICIPAL DE ÁGUA BRANCA
GABINETE DO PREFEITO
CNPJ N.º 12.350.153/0001-48



LEI N.º 499/05, DE 10 DE OUTUBRO DE 2005.

**CRIA A BANDA FILARMÔNICA
SANTA CECÍLIA E DÁ OUTRAS
PROVIDÊNCIAS**

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE AGUA BRANCA NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES E PRERROGATIVAS DA LEI, faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte lei,

Art. 1.º- Fica criada a Banda Filarmônica Santa Cecília, Entidade de caráter público, dentro do âmbito da Administração Municipal.

§ 1.º- A Banda Filarmônica Santa Cecília tem como data de fundação reconhecida nos termos desta lei como sendo em 22 de novembro de 1922.

§ 2.º- Dentro do âmbito da Administração Municipal a Banda Filarmônica Santa Cecília fica vinculada à Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto.

Art. 3.º- Fica criado, para administração e gerenciamento da Banda Filarmônica Santa Cecília, o seguinte cargo em comissão:

I - Maestro – CC – 04.

Art. 4.º- O Município de Água Branca concederá 40 (quarenta) bolsas de incentivo cultural, destinadas aos membros da Banda de Música Santa Cecília, considerando os seguintes critérios:

I – Participar com assiduidade dos ensaios da banda;

II – Para os menores de 21 (vinte e um) anos estarem cursando regulamente a escola, e, aos maiores de 21 (vinte e um) anos, serem alfabetizados ou estarem em curso de alfabetização de adultos;

III – Participar das apresentações da Banda Filarmônica;

Art.5.º- O valor da Bolsa de Incentivo estabelecida no artigo anterior é de 1/3 (um terço) do salário mínimo nacional.

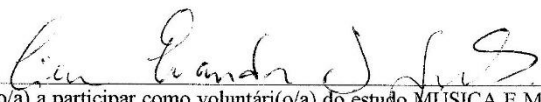
Rua Cônego Nicodemos, 17 – Centro – Água Branca / AL
CEP 57.490-000 Fones: (82) 644-1226 / 644-1136 / 9928-3484
E-mail: pmagua branca2005@yahoo.com.br

Fonte Maestro Valério Amaral

ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

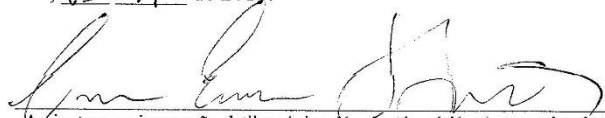
“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa”
(Resolução CNS. 466/12)

Eu, , tendo sido convidad(o/a) a participar como voluntári(o/a) do estudo **MÚSICA E MEMÓRIA: Banda Filarmônica Santa Cecília de Água Branca – AL**, recebi da Sra. Graduanda Fernanda Luiza Oliveira dos Santos, do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, UFAL, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que os riscos que este estudo pode designar são os seguintes: incômodo de tempo para responder o questionário e/ou constrangimento em responder as perguntas. Para tornar mínimo o risco citado, será permitido ao participante escolher o momento ideal para responder ao questionário e participar da entrevista. Esclareceremos que o participante terá todo o direito de recusar-se a responder qualquer pergunta que considere constrangedora. Informaremos que os dados coletados para a pesquisa é de caráter sigiloso e os participantes serão codificados.
- Que os resultados que se desejam alcançar com a minha participação são os seguintes: a) publicações de autoria dos pesquisadores dos projetos; b) preparação de alguns artigos a serem publicados em periódicos.
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Delmiro Gouveia - AL, 05/11 de 2018.


Assinatura ou impressão datiloscópica d(o/a) voluntári(o/a) entrevistado(a)

ANEXO 3– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa”
(Resolução CNS. 466/12)

Eu, Manoel Baptista de Oliveira, tendo sido convidad(o/a) a participar como voluntári(o/a) do estudo MÚSICA E MEMÓRIA: Banda Filarmônica Santa Cecília de Água Branca – AL, recebi da Sra. Graduanda Fernanda Luiza Oliveira dos Santos, do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, UFAL, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que os riscos que este estudo pode designar são os seguintes: incômodo de tempo para responder o questionário e/ou constrangimento em responder as perguntas. Para tornar mínimo o risco citado, será permitido ao participante escolher o momento ideal para responder ao questionário e participar da entrevista. Esclareceremos que o participante terá todo o direito de recusar-se a responder qualquer pergunta que considere constrangedora. Informaremos que os dados coletados para a pesquisa é de caráter sigiloso e os participantes serão codificados.
- Que os resultados que se desejam alcançar com a minha participação são os seguintes: a) publicações de autoria dos pesquisadores dos projetos; b) preparação de alguns artigos a serem publicados em periódicos.
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Delmiro Gouveia - AL, 05/11 de 2018.

Manoel Baptista de Oliveira
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) entrevistado

ANEXO 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa”
(Resolução CNS. 466/12)

Eu, Marcos Frederico Filho, tendo sido convidado(a) a participar como voluntário(o/a) do estudo MÚSICA E MEMÓRIA: Banda Filarmônica Santa Cecília de Água Branca – AL, recebi da Sra. Graduanda Fernanda Luiza Oliveira dos Santos, do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, UFAL, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que os riscos que este estudo pode designar são os seguintes: incômodo de tempo para responder o questionário e/ou constrangimento em responder as perguntas. Para tornar mínimo o risco citado, será permitido ao participante escolher o momento ideal para responder ao questionário e participar da entrevista. Esclareceremos que o participante terá todo o direito de recusar-se a responder qualquer pergunta que considere constrangedora. Informaremos que os dados coletados para a pesquisa é de caráter sigiloso e os participantes serão codificados.
- Que os resultados que se desejam alcançar com a minha participação são os seguintes: a) publicações de autoria dos pesquisadores dos projetos; b) preparação de alguns artigos a serem publicados em periódicos.
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Delmiro Gouveia - AL, 05/11 de 2018.

Marcos Frederico Filho

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntário(o,a) entrevistado

ANEXO 5 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa”
(Resolução CNS. 466/12)

Eu, VALÉRIO GOUVEIA DO AMARAL, tendo sido convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo MUSICA E MEMÓRIA: Banda Filarmônica Santa Cecília de Água Branca – AL, recebi da Sra. Graduanda Fernanda Luiza Oliveira dos Santos, do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, UFAL, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que os riscos que este estudo pode designar são os seguintes: incômodo de tempo para responder o questionário e/ou constrangimento em responder as perguntas. Para tornar mínimo o risco citado, será permitido ao participante escolher o momento ideal para responder ao questionário e participar da entrevista. Esclareceremos que o participante terá todo o direito de recusar-se a responder qualquer pergunta que considere constrangedora. Informaremos que os dados coletados para a pesquisa é de caráter sigiloso e os participantes serão codificados.
- Que os resultados que se desejam alcançar com a minha participação são os seguintes: a) publicações de autoria dos pesquisadores dos projetos; b) preparação de alguns artigos a serem publicados em periódicos.
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Delmiro Gouveia - AL, 05/11 de 2018.

Valério Gouveia do Amaral
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntário(a) entrevistado